Sincronário x Calendário

e o Futuro da Civilização

Movimento Mundial pela Paz e Mudança ao Sincronário das 13 Luas - Brasil

Uma Recopilação de Artigos e Textos do Dr. José Argüelles

Sincronário x Calendário

e o Futuro da Civilização

Movimento Mundial pela Paz e Mudança ao Sincronário das 13 Luas - Brasil

Uma Recopilação de Artigos e Textos do Dr. José Argüelles

1ª Edição
Bio-região do Caminhante do Céu - Ano Lua Harmônica Vermelha
Todos os direitos desta edição reservados à Sincronário da Paz.

Sincronário da Paz
www.sincronariodapaz.org
sincronario@sincronariodapaz.org
Caixa Postal 391
Gramado/RS
CEP 95670-000

Artigos e Textos:
Dr. José Argüelles (Kin 11 - Macaco Espectral Azul)

Coordenação:
André Staehler (Kin 93 - Caminhante do Céu Lunar Vermelho)

Arte da Capa:
Padmini Isoldi Arend (Kin 258 - Espelho Espectral Branco)
William Garcia Matos (Kin 125 - Serpente Galáctica Vermelha)

Revisão:
Iara Moraes (Kin 101 - Dragão Planetário Vermelho)
Ilse Erda Dudeck (Kin 11 - Macaco Espectral Azul)
Vânia Pontim (Kin 13 - Caminhante do Céu Cósmico Vermelho)

Diagramação:
Tiele Vasconcelos (Kin 252 - Humano Harmônico Amarelo)

Sumário

Prelúdio da Noosfera 10

A Reforma do Calendário e o Futuro da Civilização 23

Descobrindo a Lei do Tempo 34
- Tempo é Arte! 34
- Tudo é Número. Deus é Número. Deus está em Tudo. 35
- Ciência Holonômica 38
- Não Tempo Radial 40
- Ciclos 40
- Calendários e a Organização da Sociedade 43

A Cosmologia do Tempo 52
- Descartes e a linearidade do Tempo 59
- A origem das máquinas e a mecanização do pensamento 61
- A Matemática Vigesimal Holonômica 62
- Descoberta das Freqüências de Tempo 12:60 e 13:20 70

Aplicação / Transformação 73
- A Geometria Pulsar 85

O Movimento 92

Pacto Roerich e a Bandeira da Paz 94
- Nicholas K. Roerich 96

Manifesto pela Noosfera 100

Leia e Repasse 104

Este livreto é uma recopilação de textos, artigos e conferências do Dr. José Argüelles. O objetivo principal em reunir estes textos é a disseminação da Lei do Tempo e a urgente necessidade de recuperar o Tempo Natural das 13 luas, para estabelecer um padrão de medida harmônico e regular com os ciclos da natureza.

O tempo é agora, o futuro é agora, o dia é hoje, o amanhã não chegou.

Com amor incondicional,
MOVIMENTO MUNDIAL DE PAZ E MUDANÇA AO SINCRONÁRIO DAS 13 LUAS

“Ensina-nos Senhor a contar os nossos dias de tal maneira que alcancemos corações sábios”
(Salmo 90.12)

Prelúdio para a Noosfera, Relatório e uma Visão

PARTE I. UM EXAME DO MUNDO DURANTE OS ÚLTIMOS DIAS.

"Como é que tudo o que vejo é o filho de Deus na miséria?" (Letra de uma canção escutada em um restaurante do hotel em Chennai, Índia)

Recentemente fiz uma viagem ao Quênia e à Índia para vivenciar, com certa profundidade, duas facetas do mundo normalmente não experimentadas pela maioria dos ocidentais. Estas não eram férias ou uma excursão turística, mas parte de uma missão. Durante o tempo que nós (minha companheira e eu) viajávamos, a Europa ainda estava sofrendo os efeitos do vulcão da Islândia. As revoltas na Grécia contra as severas medidas do governo haviam postado sua mensagem de anarquia nas mídias mundiais, incluindo igualmente a mais letal "Batalha de Bangkok". O Euro experimentou uma grave perda de confiança e provocou forte queda no mercado de valores mundial, enquanto que o óleo derramado pela Deepwater Horizon, próximo à costa da Luisiana, continuou saindo aos borbotões, espalhando uma camada viscosa e mortal. Antes de sair da Índia, um acidente aéreo devastador ocorreu em Mangalore, e ao mesmo tempo, os Maoístas, agora ativos em 20 dos 29 estados da Índia, bombardearam um ônibus e provocaram o descarrilamento de um trem com grande perda de vidas.

Ao chegar a Mumbai você percebe que acabou de pousar em uma cidade armada, e não pode entrar em um hotel ou um centro comercial sem passar pelos controles de segurança ao estilo dos aeroportos. As ruas, abarrotadas de táxis e mais táxis, ônibus e um ocasional BMW, estão cheias de mendigos e de lixo. Apesar do propalado boom econômico hindu, a disparidade entre os ricos e os pobres não poderia ser maior. Não é de estranhar que os maoístas estejam tão ativos. O discreto luxo do ar condicionado da recepção de um hotel cinco estrelas é protegido por seguranças e os portões são fechados. Atravessando a rua vê-se o caos abundante: a pobreza e a enfermidade, as mães segurando seus bebês, e aleijados arrastando-se através das calçadas sujas.

O assunto no Quênia é sobre a nova constituição, pois a atual não foi criada pelos quenianos, mas por um comitê internacional em Oxford, Inglaterra, em 1963. Faz alguma diferença? É difícil de dizer. O governo está cheio de corrupção e na periferia de Nairobi, os distritos são tão miseráveis como em qualquer outro lugar, exceto, talvez, fora de Mumbai. Enquanto os novos arranha-céus enchem o horizonte de Nairobi, a riqueza ainda é, em grande parte, controlada por interesses estrangeiros, isto é, pela Índia e o Reino Unido, com a China forçando muito seu ingresso. Também há alguns centros comerciais novos, indicando que a globalização está deixando sua marca. Mas não é uma cidade segura. Quando pedimos informações sobre uma determinada loja, uma mulher muçulmana nos levou para um lado e nos deu conselhos sobre o que não fazer. "Aqui já não há segurança", disse-nos, e depois, amavelmente, nos acompanhou a pé até o nosso destino.

A única maneira de chegar a um albergue no sopé do Monte Quênia é através de um safári. Se você não estiver em um safári turístico, prepare-se para pagar um preço exorbitante. No albergue existe um mirante para observar os animais, porém, como era temporada de chuva, a maioria deles ficava escondida. Somente os macacos estavam, literalmente, com todo o pique. Mas existe uma característica estranha: muitos deles não tinham uma ou ambas as patas dianteiras, ou perderam um braço, e até mesmo alguns estavam sem cauda. Perguntamos ao cuidador dos animais, o único capaz de falar sabiamente sobre eles aos tu-

ristas. Seu rosto se entristeceu com preocupação. O albergue recebe a energia elétrica através de um transformador no limite da propriedade. Ele não está coberto ou protegido, assim, quando os macacos entram e agarram alguns dos cabos elétricos, seus membros são decepados. Até agora, ele não conseguiu convencer a companhia hindu que administra o albergue a cobrir ou fechar a estação transformadora, de maneira que os macacos não consigam entrar.

O Monte Quênia é único! Elevando-se a mais de 5.000 metros acima do nível do mar, é a maior montanha que se encontra no equador. Pela primeira vez em alguns anos, novamente existe neve em seu pico escarpado. Tradicionalmente, esta montanha era considerada como o lugar onde o Criador Supremo, Deus Ngai vinha à Terra e examinava as grandes extensões da África Oriental. Hoje, está rodeado por um Parque Nacional, onde se estabeleceu um pequeno anel de albergues. Já que seu pico está virtualmente no equador, tem um poder geomagnético que por si mesmo justifica seu "estado sagrado." O caminho até a montanha está cheio de pequenas aldeias rurais, cada uma com mercados amplos abarrotados de gente, tudo apenas a um passo da área de favelas. Parece que quase todos no Quênia possuem um telefone celular. Entre as aldeias encontram-se terras agrícolas muito férteis, plantações e granjas. Porém, com tal aparente abundância, por que há tanta pobreza?

Em Nairobi e no Quênia Central e Ocidental predomina o Cristianismo - um Cristianismo fundamentalista que substitui um conjunto de superstições por outro. "Se você meditar, vai deixar o diabo entrar em sua mente." Há uma série de canais de televisão que transmitem propaganda cristã fundamentalista. Os muçulmanos estão, em sua maioria, no leste do Quênia, concentrados na segunda maior cidade, Mombasa. Há meninas muçulmanas por todas as partes, caminhando pelos campos em seus jibabs. Os homens com seus gorros brancos, calças e túnicas, também estão sempre presentes. Em algumas comunidades, estão os muçulmanos que fazem cumprir as leis e conseguem se livrar dos traficantes de drogas. Tanto Mombasa como Nairobi também têm vários templos hindus. Há um impressionante templo Jain, tanto em Nairobi como em Mombasa, indicando a forte

presença da Índia e seus interesses comerciais.

As próximas eleições no Quênia serão em 12.12.2012, somente nove dias antes do encerramento do ciclo. Depois das últimas eleições, em 2007, houve muitos enfrentamentos brutais e o país se manteve temporalmente instável. Algumas pessoas temem que isto possa acontecer novamente. Fora de Nairobi está o subúrbio de Karen. Ali é onde Karen Blixen viveu, e onde escreveu seu famoso livro: "Fora da África". Hoje, é uma pujante área verde, onde vivem muitos dos quenianos "brancos". Trata-se de uma interessante e vibrante mistura. Muitos desses quenianos estão envolvidos em projetos humanitários para tirar os meninos das ruas sujas - yoga e cultivo de hortaliças no quintal - ou lidar com o desenfreado HIV (atualmente, a expectativa de vida é de 52 anos), ou para melhorar o chão do Museu Nacional ou ainda, de qualquer forma, apoiar a infra-estrutura sócio-cultural para aumentar a estabilidade e o perfil do país.

Talvez, a cidadã mais famosa do Quênia, Wangari Maathai, seja a ganhadora do Prêmio Nobel, cujo projeto, Cinturão Verde, tem a participação das mulheres da comunidade para plantar mais de 20 milhões de árvores. Ela escreveu recentemente o livro: "Desafio para a África", que, entre outras coisas, dá uma visão histórica sucinta de como a África tornou-se o que é hoje. É uma leitura reveladora. Ela é uma forte defensora de que a ação comunitária em larga escala capacita o individuo. Todavia, a pessoa deixa o Quênia, perguntando-se: o que pode ser feito, de imediato, em relação à pobreza, à saúde, às grandes favelas, onde não existem saneamento nem água potável, e o alimento nutritivo dificilmente chega?

Como podemos conviver com bilionários, tráfico de drogas, HIV, degradação ambiental, globalização, guerras e terrorismo, bombas e armas de fogo - e não ter a força de vontade para fazer algo contra a evidente desigualdade e injustiça que prevalece no mundo?

Enquanto estávamos no Quênia, a União Européia votou a favor de uma fiança de um trilhão de dólares para tirar o Euro do apuro e estabilizar sua economia. Também lemos que, só no

ano passado, os Estados Unidos gastaram alguns trilhões de dólares em armas. Onde estão os trilhões de dólares para instalar um sistema sanitário nos bairros pobres de Nairobi ou Mumbai, e nos bairros pobres de todas as cidades do planeta? Em seu livro, Banqueiro dos Pobres, Muhammad Yunus disse que os pré-requisitos mínimos para cada ser humano no planeta são: 1. Uma casa a prova de chuva: 2. Um banheiro sanitário; 3. Água potável limpa, e 4. Três refeições por dia. Se não formos capazes disto, fracassamos como espécie. Preferimos armas e dinheiro.

Nos países ricos as pessoas esperam na fila para comprar seus iPads. Enquanto isso, é noticiado o 11º suicídio, em apenas alguns meses, na fábrica chinesa que fabrica o iPad. Nos países ocidentais, as pessoas telefonam para um número para solucionar problemas do seu computador e acabam falando com alguém na Índia. Mas, alguma vez viram onde vive aquele hindu e como é sua vida cotidiana? Na Índia há muita miséria, e se não for maior do que na África, é por poucos números. Enquanto Mumbai é o epicentro da disparidade de riqueza e justiça, Chennai, ao sul (a quarta maior cidade da Índia), pelo contrário, é uma área residencial melhor, e os cortiços pobres são menos evidentes. Mas quando você sai à rua encontra o mesmo caos, pobreza e trânsito louco. Nos hotéis existe a opção de muitos canais que parecem oferecer nada mais que o melhor ou o mais recente filme de Bollywood: uma distração cheia de charadas, divertidas com enredos de clichês culturais da Índia, criando sua própria sub-cultura de modelos, ídolos de cinema e músicos.

Pondicherry está a duas ou três horas ao sul de Chennai - dependendo da audácia ou loucura do taxista que leva você. Não há regras de trânsito que inspirem respeito à medida que você chega às estradas rurais. A única regra é a de tocar a buzina quando você quer ultrapassar - assim, existe uma constante dissonância de buzinas. As pessoas correm riscos neste desfile de ônibus, táxis, caminhões e vans lotadas, jogando roleta russa na estrada de pista simples. Freqüentemente, existem cruzamentos que os veículos tentam cruzar com segurança. Isso parece um pesadelo e deixa qualquer um de cabelos em pé.

Pondicherry é aonde Sri Aurobindo, o grande poeta

e ativista político, tornou-se yogue e pensador muito evoluído, passando a maior parte de sua vida - de 1910 a 1950. Com sua companheira, Madre, criou ali seu ashram, e em 1926 ocupou-se com a descida da consciência supra-mental do futuro. Seguindo seu Samadhi, em 9 de dezembro de 1950, quando sua consciência deixou o corpo físico para penetrar a consciência do planeta, Madre sonhou com a idéia de Auroville, uma cidade universal, onde todos pudessem ser livres para buscar a verdade espiritual preconizada por ambos, Sri Aurobindo e Madre. Hoje, Auroville é uma comunidade próspera com 2000 habitantes, localizada próxima de Pondicherry. É auto-sustentável e um ótimo modelo de "sociedade do futuro". Está isolada do caos de Pondicherry por um cinturão verde de árvores plantadas pelos aurovilleanos ao longo dos anos. No centro está o Matrimandir, uma deslumbrante estrutura em forma de domo geodésico situada num pavilhão ajardinado com grama, observando todo o mundo como um OVNI que acaba de pousar. No contexto atual da Índia, Auroville é verdadeiramente um milagre.

O ashram de Sri Aurobindo encontra-se em uma área tranqüila do bairro francês de Pondicherry. Tem um ar de imensa serenidade. Os devotos, de todos os tipos, sempre estão passando pelo ashram, para tocar ou colocar a cabeça no sarcófago onde o corpo de Sri Aurobindo repousa em estado de samadhi. Tudo é absolutamente tranqüilo. O samadhi é muito real. Entra em seu corpo e sua mente.

Fora do ashram localiza-se o Templo do Elefante, um vistoso santuário hindu com sensacionais estátuas do panteão hindu. O ambiente é totalmente diferente do ashram. Há um elefante vivo, pacientemente de pé, com um símbolo branco pintado em seu terceiro olho. Mais adiante está propriamente Pondicherry, um gigantesco povoado com 700.000 habitantes - onde tudo convive: o lixo, as vacas que andam entre a multidão, os mendigos, a sujeira em cada esquina. Os cidadãos não querem colocar lixeiras nas esquinas das ruas porque pensam que atrairão os mosquitos e ainda mais mendigos. Assim, todo o mundo, conformado, empilha o lixo aonde for possível.

Durante o vôo para Singapura, minha mente estava

cheia de imagens e perguntas. Faltam apenas dois anos e meio para 21 de dezembro de 2012. Ao contemplar esta parte do mundo, com seu nível estarrecedor de caos e de miséria, fica claro que nenhuma conferência, seminário, organização religiosa ou governamental, ONG ou empresa será capaz de fazer algo a respeito, nem sequer ser capaz de encarar a raiz do problema da pobreza e da injustiça humana, assim como da esmagadora degradação ambiental que hoje caracteriza nosso mundo.

A injustiça da pobreza e a inutilidade de se gastar mais dinheiro em armamentos, enquanto se luta, em escala máxima, contra a degradação ambiental, deveriam ser as principais prioridades da raça humana, se fôssemos realmente um organismo planetário racional e coerente - o que, neste momento, não somos. Se verdadeiramente soubéssemos lidar com esses assuntos e cada governo fizesse deles sua prioridade, veríamos o desaparecimento do terrorismo, pois sua raiz é a injustiça, o desequilíbrio de poder, o materialismo agressivo e os interesses egoístas que continuam perpetuando o problema sem desejar realmente fazer algo a esse respeito. Infelizmente o problema - a crise - é endêmico em todo o sistema. Na verdade, somente o desmonte do atual sistema, de acordo com os princípios de conduta humana, e a ação ambiental responsável podem mudar esta situação. Mas isso não acontecerá logo. O fato é que precisamos correr contra o tempo, pois a situação está fora de controle.

Qual é a responsabilidade de cada um ante este trágico fracasso da espécie humana? Não faz sentido nos reunirmos com outras pessoas, se não formos dizer: aqui está o projeto que realizaremos, assim que sairmos desta conferência... Isto é o que proporcionará uma casa à prova de chuva, um banheiro sanitário, etc., para todos os seres humanos. Mesmo havendo pessoas bem intencionadas que estejam fazendo alguma coisa e que mereçam todo o nosso apoio - porque essa é sua experiência espiritual - o grande problema, a causa-raiz permanecerá. Não importam os bons resultados que a reunião tenha, não convencerão o Banco Mundial, os Rothschild, os Bilderbergs, o FMI, o Bill Gates, o Carlos Slims, a União Européia e os bilionários da Índia a procederem, de imediato, a erradicação da pobreza, e o equilíbrio da balança da justiça. Os animais cuidam melhor da sua espécie do

que os humanos tratam uns aos outros.

As pessoas precisam entender que 21.12.2012 é a data-limite para a humanidade. Mas, precisamente agora, preferem enviar um homem a Marte para ver o que foi criado em seu planeta de origem. Se o ciclo realmente terminar em 21 de dezembro de 2012 e algo acontecer, então, a única coisa a ser feita - e que nunca fizemos - é mudar a nossa consciência.

PARTE II. CONVERTENDO-NOS NA MUDANÇA QUE QUEREMOS SER - BEM-VINDOS À NOOSFERA.

Agora o cérebro humano tem a chave de nosso futuro. Agora precisamos recordar a imagem do planeta vista do espaço: uma única entidade na qual estão interconectados o ar, a água e os continentes. Esse é nosso lar. (David Suzuki)

Uma mente de luz substituirá a confusão atual e as dificuldades da ignorância terrena... Esta é a possibilidade que devemos buscar, e isso significaria uma nova humanidade elevada à luz, capaz de espiritualizar o ser e a ação, aberta ao governo da luz da verdadeira consciência, capaz inclusive em nível mental e sob seu próprio comando de algo que chamamos: "o começo da vida divina".

(Sri Aurobindo)

Por falar em mudar nossa consciência, até mesmo transformando-a, devemos considerar que existe um projeto infalível e inefável de todos estes procedimentos em nosso mundo. Parece que ele teve origem em um acampamento armado, cheio de resíduos tóxicos onde a biodiversidade estava sendo destruída rapidamente. Mesmo com os véus da mais escura ignorância que agora prevalece, podemos ver que ainda existe um movimento de consciência sempre se esforçando para ascender passo a passo, até esse lugar onde existe um "novo céu e uma nova Terra".

É nesta próxima conjuntura da consciência cósmica (21.12.2012) que poderemos experimentar a descida da supermente, a mente de luz. E mais além, poderemos ainda avançar,

em formas cada vez mais perfeitas e luminosas, irradiando a luz de um samadhi que tudo penetra com a verdadeira consciência universal. Então, tornar-nos-emos uma característica irreversível da mente terrestre - tudo isso está de acordo com o inefável projeto, o plano divino. É pelo alinhamento consciente com este plano, aceitando de todo o coração e sem restrições este inescrutável projeto da natureza, que nos tornaremos capazes de vivenciar a "vida divina".

Para mudar nossa consciência, e aproveitar a ascensão que continua mesmo na hora mais escura da crise planetária, precisamos compreender a Terra como um todo: a Terra que vemos do espaço. Este é o lugar para se começar, pois não é somente onde estamos, mas, também, quem somos.

Em nossa contemplação devemos absorver a Terra em nosso coração. Devemos experimentar a Terra como uma simultaneidade unificada. Dia e noite, oceano e terra, ar e mente, tudo ao mesmo tempo. Ela é um conjunto uniforme, e tudo nela e dentro dela constitui uma totalidade única, embora possa parecer dividida em inúmeras partes.

A Terra já está num estado avançado de samyak samadhi, concentração correta, meditação ou samadhi absorvido em si mesmo. Sem desvios, move-se em sua órbita, girando incessantemente, assegurando-se de que todos os aspectos de seu ser esférico sejam expostos igualmente para a fonte luminosa de vida e consciência, o Sol. Ela tolera tudo, até mesmo os homens mais indomados e incontroláveis, dirigidos pelas fixações unilaterais dos próprios sistemas de crenças insanas, aparentemente incapazes de qualquer inteligência. Sim, até mesmo estes ela considera como seus filhos.

A Terra em sua totalidade unificada não busca vingança. Todavia, ela opera por leis que se forem repetidamente violadas, produzirão resultados, impondo suas próprias formas de justiça.

Em sua simultaneidade unificada da totalidade de vida, onde o santo e o pecador, o hipócrita e o buscador da verdade, todos, igualmente, respiram o mesmo ar e se movem pelo

mesmo sangue que corre em suas veias, a Terra já está vivendo a vida divina: um corpo planetário capaz de uma autotransformação aparentemente interminável, ressurreições repetidas e renascimentos, mesmo em meio à sua própria morte. Ela possui uma mente e uma consciência que estão inteiras e acomodam todas as suas formas cristalinas e de vida. Através de eóns, ela surgiu lentamente com a condição de ser cada vez mais consciente e luminosa. Agora, espera seu próximo revestimento de consciência, o manto da auto-reflexão para evoluir com ele, um manto arco-íris produzido por seus filhos do amanhã, aqueles que se mantêm em sintonia com a descida da super-mente.

Para a Terra, em sua simultaneidade unificada, sempre é o mesmo momento no tempo. O homem rico desfrutando de seu coquetel ao final do dia em que ganhou dinheiro; o homem pobre despertando em seu colchão no chão a meio mundo de distância; ambos são para a Terra os dois lados do mesmo momento de experiência. A Terra está em contínuo momento de sincronicidade. Ela banha-se em um raio de tempo; um fractal do momento de despertar descendo de todas as direções até seu campo eletromagnético radiante. A perfeição sincrônica é tudo o que ela conhece, porque é uma Nave do Tempo movendo-se imperceptivelmente em sua trajetória para a consciência cósmica plenamente iluminada.

A Terra não mata nem trai; é incapaz de mentir e não precisa roubar nada de ninguém. Tudo o que ela precisa para se manter, experimentar ou conhecer, ela já possui. Ela não precisa viajar para outros planetas ou mundos para saber o que ela não é. Ela sabe de tudo por si mesma, do centro mais profundo do seu ser, onde só existe um denso e incrivelmente luminoso silêncio. Também não é o que se pensa que ela seja. Ou melhor, ela é um ponto de sabedoria Inter-dimensional que recebe sua inspiração da totalidade cósmica, descendo através de seus pólos em infinitas ondas plasmáticas, há bilhões de anos.

Agora ela espera pelo momento que se aproxima, a descida da super-mente, a próxima expansão de sua mente dentro das freqüências solares que iluminam seu espaço de meditação. Ela sabe a hora e o momento. A inquietude de seus filhos é

o sinal. Ela sabe que até mesmo entre eles, em sua confusão e causando problemas para si mesmos e para ela, o plano universal está atuando. Ela precisa apenas de um punhado deles para que a levem em seus corações e, simultaneamente, pratiquem o que ela pratica todo o tempo: o samadhi supremo da unificação sempre-existente. Ela sabe que a enfermidade das mentes de seus pequenos filhos, logo será curada. Os amigos luminosos de mais além já estão aqui para ajudá-los, assim que um número suficiente deles desperte do sonho da separação. Então, saberão que é sua mente, e não seus "brinquedos", que os torna grandes, pois ela é, na verdade, a mente da Terra, e a mente da Terra é a ligação para os poderes cósmicos insuperáveis e a simultaneidade de consciência sempre sincrônica.

Ela envia-lhes uma mensagem, um oráculo:

Mensagem do Tempo:
Deixem a parede cair na vala,
a civilização está em ruínas.
Não usem a força para corrigir as coisas,
mas, perseverem em silêncio.
O caminho do mal está em ascensão,
porém, não tem nenhum fundamento.
Dentro de vocês, estão amadurecidos os sinais do amanhã.

Ela sabe que entre eles estão os que podem ouvir, cujos corações ainda batem com a lembrança da primeira criação, e assim, eles estão prontos para a segunda criação. Agora é o momento para que estes se tornem verdadeiramente dedicados e não defendam outra causa, senão a do samadhi da unificação com a Terra.

Se acharem difícil entrar neste samadhi, procurem adquirir um globo e façam com que ele seja o foco de sua meditação. Quando olharem um globo, estão vendo a Terra como é vista do espaço. Ela é uma unidade indivisível, uma totalidade unificada. Tudo e todos estão nela, e em todas as partes simultaneamente - dia e noite, pólos norte e sul, as estações; tudo no mesmo instante de tempo cósmico, em todas as partes ao mesmo tempo.

Isto é o que acontece quando vocês têm a perspectiva da Terra como um todo. A Terra não mostra nenhuma parcialidade. Ela está sincronizada com a ordem cósmica da realidade. Sua órbita é a demonstração de sua submissão à lei cósmica. Se ela se rebelar e se desviar, isso causará estragos totais em toda a sua rede de subsistemas interdependentes e interconectados. Seria suicídio rebelar-se. Assim, ela permanece obediente à lei cósmica. É o bastante que, de vez em quando, ela experimente uma mudança de pólos, ou o choque de um meteoro. Mas estes também são ajustes necessários. Ela é submissa à lei há 4 bilhões de anos. Isso significa que, em sua função de elétron planetário para o núcleo atômico do Sol, até agora ela deu 20 voltas em torno do centro da galáxia (à razão de 200 milhões de anos para o Sol fazer este circuito). Portanto, qualquer ajuste que ocorra em 2012, a Terra está preparada, porque isto é inevitável.

Levando em conta a grande mudança que ocorre em nós agora, considere quem você é neste episódio cósmico. Você tem sorte de fazer um passeio gratuito ao redor do Sol e participar, um pouco, do circuito ao redor da galáxia. Se estiver previsto acontecer uma reorganização, talvez seja porque não aderimos aos princípios da justiça, nem demonstramos suficiente gratidão para com este precioso planeta. Tudo na Terra nos é dado graciosamente. Somente os seres humanos utilizam sua inteligência e, artificialmente, criaram o dinheiro para obrigar os demais a pagarem pelo que, em realidade, é um presente da Terra.

Agora a Terra está sangrando óleo. É uma mensagem de que o estilo de vida que a espécie humana construiu para si não é eficaz. As prioridades humanas estão totalmente desequilibradas e de cabeça para baixo. Suas mentes estão imersas em sistemas de normas e regulamentos que pouco tem a ver com a realidade e obstruem qualquer tipo eficiente de ação responsável, especialmente em face da grande mudança.

Por esta razão, a forma supremamente eficaz de tornar efetiva esta grande mudança é ir fundo e transformar a consciência do planeta. Cem mil humanos meditando em uma seqüência de momentos sincronizados e focados em um único objetivo,

percebendo a Terra como uma continuidade, uma simultaneidade instantânea da totalidade unificada, seriam suficientes para que a mudança seja efetuada. A consciência, não a vida e a forma, é o princípio essencial de evolução do cosmos. Como o grande pensador hindu, Sri Aurobindo, escreveu acerca desta premissa: *"A visão das coisas do universo revelar-se-á em sua unidade e totalidade como a manifestação de um único ser, a natureza como seu poder de manifestação, a evolução como seu processo de manifestação gradual na matéria." ("Super-mente em Evolução").*

O poder da mente criou a máquina e o tempo artificial que governam nossas vidas. Agora, voltado para si mesmo, o poder da mente pode curar, em última instância, todas as coisas. O poder da mente humana coletiva sincronizada como uma só consciência planetária, focada em um único ponto, poderia alterar a evolução da nossa mente e do espírito de maneira irreversível e simultânea, enquanto nos proporciona o conhecimento, insights e habilidades telepáticas, transformando a nossa crise em "Segunda Criação".

O evento da consciência super-mental, em 2012, é possível. Há tempo suficiente, e existem pessoas suficientemente capazes para isto. Esta é a solução predita pela mensagem do tempo. Também sabemos que não estaremos sozinhos. A civilização cósmica do universo, que descobriremos, espera que cheguemos a esta solução. Escutaremos a voz ressoando através da Terra: "Bem-vindos a casa!" Então saberemos: Sim, estamos em casa. Um novo tempo e um novo dia amanhecerão. Sim, Bem-vindos à Noosfera!

Valum Votan
GRI - Galactic Recherche Institut

Capítulo 1

A Reforma do Calendário e o Futuro da Civilização

Substituir o calendário atual por um padrão de medida completamente diferente é empreender uma mudança fundamental que abrange as bases de tudo o que atualmente chamamos de civilização. É exatamente por causa das profundas mudanças preditas que a reforma do calendário também é empreendida como uma ação para trazer a paz universal à Terra.

A reforma do calendário é o ato final da história, e o primeiro passo para a regeneração da Terra no berço da cultura galáctica. Mudar o calendário, agora, é mudar o curso da história e revolucionar completamente o futuro da civilização da Terra. Também devemos entender que o ajuste desta reforma é de natureza vital e representa uma oportunidade evolutiva para a humanidade, que não pode ser desperdiçada.

O assunto sobre calendários e a reforma do Gregoriano não é popular por uma simples razão: ele funciona como um dogma (um ponto fundamental e indiscutível de uma crença) e por isso, pouco questionado. A maioria das pessoas não tem ideia de onde veio o calendário atual. Algumas sociedades, principalmente as orientais, trabalham com calendários lunares tanto quanto com o atual Gregoriano. Os calendários lunares também dogmatizam o sentido do tempo. Embora fale-se, por exemplo, dos calendários lunares árabe, hebreu, ou chinês, deve-se lem-

brar que existe somente uma lua e, conseqüentemente, todos eles têm, na realidade, a mesma medida. Os lunares usam, como padrão o ciclo sinódico da lua - de lua nova a lua nova. Este ciclo é de 29,5 dias. Doze destas lunações perfazem 354 dias - 11 dias a menos que a órbita solar da Terra. O ciclo sideral, de apenas 27,5 dias, é a medida quando a lua aparece no mesmo lugar do céu. A média entre os ciclos sinódico e sideral é de 28 dias.

Enquanto os calendários lunares, usados por diferentes culturas mundiais, não são de forma alguma solares, ou seja, a medida da órbita solar da Terra, o Gregoriano, usado atualmente, tem certa semelhança com calendários solares. Dizemos semelhança porque, por um lado ele representa o ciclo solar de 365 dias, incluindo um dia extra a cada quatro anos, e por outro lado, seu padrão de medida é irregular e não corresponde a nenhum ciclo natural.

Devemos compreender, sem equívocos, que qualquer padrão de medida irregular exerce um efeito profundo sobre a mente, especialmente se for um padrão irregular para medir o tempo. Isto ocorre porque o tempo é um fenômeno percebido mentalmente, enquanto o espaço é percebido pelos sentidos. Um padrão de medida irregular e desigual é, por natureza, problemático. Nosso sentido de tempo é uma percepção fundamental. Se o padrão de medida de tempo que usamos é irregular, então precisamos compreender e ponderar seriamente o que seu uso prolongado e secular provoca em nossa mente.

Se o relógio representa a mecanização do tempo, o calendário Gregoriano é o instrumento que normatiza esta mecanização do tempo como uma instituição mental, inseparável das irregularidades irracionais dos meses. Desta forma, a civilização humana moderna adquiriu a qualidade e eficiência da máquina institucionalizada, inseparável de problemas sociais insuperáveis, como o crime e a guerra. O próprio Vaticano percebeu e patrocinou a reforma do calendário Gregoriano, e praticamente todas as invenções, nações e instituições mundiais modernas, estão atreladas a ele. Qualquer tentativa para reformar o atual calendário civil, precisa estar de acordo com tudo o que ele incorpora.

Aproximadamente 20 anos depois da reforma do Calendário Gregoriano ocorreu a Revolução Francesa e o chamado para estabelecer um novo calendário. O Calendário Republicano, de 1793, substituiu o Gregoriano com uma tabela de doze meses de 30 dias cada, mais um período de cinco dias no final do ano, que era essencialmente igual a um padrão babilônico, com a mesma forma de divisão do ano e com um ciclo de purificação de cinco dias no final. A cada quatro anos, este período de cinco dias do calendário francês era aumentado para seis dias para ajustar o dia trimestral (de pagamento). A semana de sete dias foi substituída por um decálogo ou um ciclo de dez dias. Este calendário foi usado por dez anos, até 1803, quando foi substituído novamente pelo Gregoriano.

O pensamento pró-racionalista e anti-eclesiástico, que incentivou a introdução do Calendário Republicano francês, também esteve por trás da reforma do calendário proposta pelo pensador francês do século XIX, Augusto Comte (1798-1857). Conhecido como precursor da disciplina de sociologia moderna, filósofo e matemático, por volta de 1840, Augusto Comte, teve a oportunidade de conhecer um calendário de treze meses de 28 dias cada, trazido por viajantes que estiveram no Taiti, onde o mesmo era bastante difundido entre os polinésios. Este calendário indígena universal ajustava-se ao ciclo biológico da mulher, o que impressionou Comte por sua forma harmônica e veracidade biológica, levando-o a dedicar vários anos de estudo a esse respeito, antes de concluir sua forma como um Calendário Positivista, apresentado em uma reunião da Sociedade Positiva, em 1849.

Devido à proposta de Comte com um calendário de treze meses que possuía necessariamente um dia extra, fora do tempo, a convocação para a reforma do calendário continuou na França e em outras localidades da Europa, porém centrado na manutenção de um ciclo de doze meses e a semana de sete dias. Durante os anos de 1890, houve uma considerável movimentação a favor de um novo calendário para o século XX. Em 1900, foi organizada uma conferência em Elsenach, Alemanha, para se estudar a reforma do Calendário Gregoriano. Apesar de todas as tentativas, por razões litúrgicas, a resposta papal sempre era muito rígida em defesa do calendário atual. Em outra proposta,

o Vaticano exigia que qualquer reforma do calendário deveria respeitar a sequência da semana de sete dias. Este argumento restringiu bastante ou mesmo impediu o debate sobre a reforma e, basicamente, funções como o "catch 22" (N.T.: livro polêmico de J. Heller, transformado em filme, que no Brasil teve o nome de: "Artigo 22") que diz: "Sim, vocês podem reformar o calendário, mas somente se não houver nenhum corte na sequência da semana de sete dias, e que conserve os doze meses. Qualquer especialista em solução de problemas veria que estas diretrizes limitavam bastante as possibilidades e, de fato, tem sido a causa da falta de êxito nas tentativas de reforma do calendário nos últimos 150 anos. Na verdade, este argumento realmente significa a expressão do poder da Igreja Católica para manter seu calendário como padrão mundial.

Entretanto foi muito interessante que o Calendário Positivista de 13 meses de Comte, originalmente criado pelos indígenas polinésios do Taiti outra vez se tenha feito presente no Congresso Científico Pan-Americano, em Santiago - Chile, de 25.12.1908 a 5.1.1909. Naquele evento, um peruano de nome Carlos A. Hesse apresentou como proposta um calendário de treze meses idêntico ao de Augusto Comte, embora não possamos dizer exatamente qual é a origem do calendário de Hesse. Sendo do Peru, provavelmente ele sabia que a civilização andina possuía um calendário de treze luas, ainda hoje em uso, relacionado aos ciclos Pachacuti de 500 anos, que atualmente está em seu décimo primeiro ciclo, ano 5518, correspondendo ao ano 2011 gregoriano.

A natureza lógica do calendário de treze meses atraiu o magnata da English Railroad, Moses B. Cotsworth, que formou a Liga do Calendário Perpétuo Internacional. Em 1921, a Câmara do Comércio Internacional, em Londres - Inglaterra, decidiu promover o calendário mundial, e o assunto foi levado à Liga das Nações. Durante a década de 20, Cotsworth atraiu o interesse de George Eastman, da Eastman Kodak, que organizou uma grande campanha a favor do Calendário Perpétuo Internacional. Na Liga das Nações, um comitê para estudar o tema da reforma do calendário recebeu numerosas propostas, porém sem sombra de dúvida, a mais popular foi a do Calendário Perpétuo Internacio-

nal. Só nos Estados Unidos mais de cem indústrias, com grande diversidade de interesses, estavam prontas para adotar o calendário perpétuo de treze meses. A Liga das Nações determinou que 1º de janeiro de 1933 fosse a data inicial do novo calendário, uma vez que seria um domingo, e o ano do calendário perpétuo sempre começaria em um domingo e terminaria em um sábado.

Esse novo calendário mantinha semelhança com os nomes tradicionais dos meses gregorianos, e o décimo terceiro mês chamar-se-ia Tricembro. Mas a oposição estava contra o "dia nulo", entre o último sábado de um ano e o primeiro domingo do ano seguinte. Isso porque: 13x28 = 364 dias, ou 52 semanas perfeitas (o que atraia os contadores das indústrias) e o ano solar ter 365 dias. Apesar da perfeição da forma completamente autoexistente do calendário de treze meses, a resistência concentrava-se na grande campanha contra o "dia nulo", o mesmo ponto pelo qual ele mantinha sua perfeição perpétua. Aqui, a inércia da ignorância e a desarmonia institucionalizada foram capazes de colocar um ponto final nas tentativas de reforma do calendário.

Em 1931, os 111 delegados representando os 42 estados membros da Liga das Nações tomaram conhecimento do conteúdo das 28 páginas do relatório preliminar da Comissão. Enquanto muitos países, inclusive Estados Unidos, Brasil, França, Suíça e Alemanha, votaram a favor do calendário de treze meses, a Hungria, a Itália, e os Países Baixos expressaram oposição à instituição de um calendário perpétuo que implicasse na introdução do dia "suplementar" (o dia nulo).

O apoio a esta posição antagônica crescia com a objeção de vários astrônomos, como Federico Oom, do Observatório Astronômico de Lisboa, e o Papa Pio Xl, argumentando que a quebra na sequência da semana de sete dias criaria caos e calamidade. O Papa afirmou, mais adiante, que a fixação de uma data para a Páscoa estava totalmente sob sua jurisdição. Esta posição foi apoiada posteriormente, através de editoriais nos principais jornais como o London Times, de 13 de outubro de 1931, que argumentou a favor das dúvidas religiosas e o New York Times, de 16 de dezembro de 1934, que ecoou o raciocínio relativo ao dano que causaria a quebra da sequência semanal, uma sequên-

cia já discutida, e que não havia sido quebrada desde os tempos Bíblicos.

Tomado como um ataque à religião e à sequência semanal, apesar da grande quantidade de dinheiro gasto na campanha para promover o calendário de treze meses, o projeto tropeçou e não resistiu aos argumentos conservadores da Igreja, de certos cientistas e dos principais jornais.

Com o apoio de contadores revoltados de várias organizações que desejavam criar uma atmosfera favorável para a abolição do calendário Gregoriano, foi feita uma última tentativa a favor de um calendário moderado de doze meses, que começaria no domingo, 1º de janeiro de 1939. Porém este calendário também continha o famoso "dia nulo", e no dia 4 de setembro de 1937, o Comitê de Comunicação da Sociedade das Nações em Genebra, chegou à conclusão de que ainda não era o momento para reformar o calendário. Em 1950, o Papa Pio XII, em pronunciamento, disse que a Igreja não fazia oposição à reforma do calendário, mas sim, às propostas que incluíam "dias universais", que não pertenciam à semana de sete dias. Esta posição repercutiu na declaração sobre a reforma do calendário de 1962, na conclusão do II Concílio Ecumênico do Vaticano. Assim, em meados do século XX, o calendário Gregoriano prevaleceu mundialmente.

Os debates sobre a reforma do calendário, que ocorreram até a Segunda Guerra Mundial, refletem uma imersão total na mentalidade ocidental (gregoriana). O argumento de que a mudança do calendário é uma ameaça à religião só é mantido pela Igreja, cujo calendário é o objeto dos debates. O equívoco da história, considerando o calendário do Vaticano como padrão mundial, só enrijeceu a posição de seus defensores. A principal objeção à reforma - a inclusão de um dia fora do ciclo semanal, assegurando quatro trimestres iguais de 91 dias ou treze semanas de sete dias cada - é surpreendente, levando-se em conta a regularidade harmônica que seria obtida.

A mesma noção de interrupção na sequência das semanas de sete dias, desde o começo da criação, é, de fato, uma concepção de tempo puramente linear. O argumento de que uma

quebra desta sequência causaria o caos mundial, barbarismo e o declínio da religião, perde a importância quando se contempla o curso dos acontecimentos, desde a Segunda Guerra Mundial, ou até mesmo durante todo o século XX. Nunca houve, em qualquer outra época da história, tantas guerras, tantas mortes violentas e tanta proliferação de armas para destruição em massa. Seria porque a população humana está presa a um calendário, cujas medidas desafiam a perfeição harmônica e cujos patronos salvaguardaram sua reforma, por causa de regulamentos que desafiam a possibilidade de qualquer reforma efetiva?

Em 1956, o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas adiou indefinidamente o debate sobre o assunto da reforma do calendário. A inércia cumulativa do dogma do calendário Gregoriano manteve o controle, e com isso, também o domínio sobre a civilização que tinha crescido à sua sombra. Afirmamos que o conceito de uma quebra na sequência do ciclo semanal é um provincialismo ocidental. A noção da semana de sete dias não é compartilhada pelos calendários de muitas outras civilizações e culturas. Quer dizer que o único calendário verdadeiro é aquele em que a semana de sete dias não tem sua sequência interrompida, como acontece com o calendário Gregoriano? Não, isto seria cair em um tipo de chauvinismo e imperialismo pelos quais o calendário Gregoriano está destacado em primeiro lugar.

Enquanto o debate sobre a reforma do calendário gregoriano - o calendário civil mundial - havia caído no esquecimento, os problemas da Guerra Fria só aumentavam em meio à globalização industrial. O resultado era não somente o aumento progressivo do terror nuclear, como também o efeito negativo do industrialismo desenfreado no meio ambiente mundial. Com tal complexidade de forças sociais e tecnológicas, a reforma do calendário parecia remota e irrelevante.

Em 1987, publiquei o livro: "Fator Maia", que coroou meus 33 anos de busca pelo conhecimento ancestral Maia. Ele representa a primeira tentativa para se entender a mentalidade dos antigos maias, da América Central, focados na matemática e astronomia calendárica, única na história da Terra. Levando-se em conta o processo histórico, este livro não poderia ter sido publi-

cado em outra época, senão a atual, bem conhecida pelos Maias, indígenas antigos e contemporâneos.

A civilização maia posterior à clássica foi esmagada pelos espanhóis, no século XVI. Em 1562, o Bispo de Landa, queimou todos os livros encontrados e destruiu muitas esculturas e obras de arte, enquanto se apoderava dos grandes templos piramidais do centro de peregrinação maia de Itzmal, tirando pedra por pedra para utilizá-las na construção de igrejas e catedrais cristãs. O auto-de-fé do Bispo de Landa fez com que ele fosse chamado de volta para a Europa para relatar o ocorrido aos seus superiores. Em 1572, dez anos depois, o Papa Gregório XIII deu poder à convocação para a reforma do calendário. O Bispo de Landa publicou seu livro sobre o povo maia, que ele mesmo havia destruído ou convertido. Longe do livro do Bispo de Landa, o conhecimento dos antigos maias perdeu-se no tempo e na selva, esperando ser redescoberto, séculos depois, por grupos de arqueólogos que tentavam recompor a história esquecida.

Enquanto o Fator Maia considera a existência de remanescentes maias, conhecidos como "guardiões do dia", que continuam trabalhando com o Tzolkin - o Calendário Sagrado de 260 dias, mergulhei em análises matemáticas e históricas, baseadas no Tzolkin, que demonstravam ser ele muito mais do que um simples calendário. O Fator Maia realmente apontava para um ponto de vista sobre o tempo e a existência de um calendário, ou, de fato, um sistema de calendários totalmente diferentes do Gregoriano ou dos calendários lunares do Velho Mundo. De acordo com um pensador e mestre de cerimônias maia contemporâneo, Humbatz Man, os Maias trabalhavam com pelo menos dezessete calendários.

Dois anos depois da publicação do Fator Maia, eu e minha esposa - que há muito tempo havíamos começado uma experiência vivendo de acordo com os ciclos do calendário Maia, em substituição ao Gregoriano - estávamos no Museu do Tempo, em Genebra – Suíça, e por estar imerso em outra visão "fora" do tempo, pudemos fazer uma descoberta surpreendente que iria alterar profundamente o curso da reforma do calendário. Era a descoberta das frequências de tempo 12:60 e 13:20, o que mais

tarde, viemos a chamar de "Lei do Tempo".

O que vimos no Museu do Tempo era, na realidade, a história da mecanização do tempo. Incorporado ao calendário Gregoriano, que tinha a mesma raiz histórica na divisão métrica do espaço. A combinação do relógio mecânico com o calendário irregular produzia uma frequência de tempo artificial, cuja aceitação inconsciente e prisão mental provocam na espécie humana, uma distância cada vez maior dos ciclos naturais. Identificamos esta frequência de tempo artificial como 12:60, que contrastava com o que experimentávamos como frequência do tempo natural, 13:20 derivada do Tzolkin - também chamado de "módulo harmônico", uma matriz de permutações de 13x20 = 260 unidades. A natureza simples do uso de tantos calendários pelos maias antigos, agora entendido como sendo o resultado do conhecimento da frequência de tempo do universo 13:20, algo conscientemente desconhecido para todas as pessoas da Terra.

A partir dessa descoberta percebemos imediatamente que a causa do desequilíbrio humano para com o meio ambiente, a razão para a proliferação da indústria e de novas tecnologias, e a explosão demográfica eram a mesma: a adoção e aceitação de uma frequência de tempo que desvia a humanidade das leis naturais.

Não conhecendo nada sobre as recentes tentativas de reforma do calendário, nossa primeira conclusão depois das descobertas sobre as frequências de tempo 12:60 e 13:20 era a de mudar o calendário. Instintivamente soubemos que o calendário de treze luas de 28 dias seria a solução apropriada, como também o primeiro passo a ser dado pela raça humana, para se harmonizar novamente com os ciclos naturais, e assim salvar a si mesmo e a biosfera da destruição.

A partir dos estudos de diversos calendários maias sabíamos também que eles possuíam um calendário de treze luas: o Tun Uc, ou conta lunar. Seguindo a tradição profética Chilam Balam dos maias, e de acordo com a ascensão helíaca de Sírius, a sincronização ou a data do Ano Novo era fixada em 26 de julho. Então, 25 de julho tornou-se o dia fora do tempo (igual ao dia

nulo), que chamamos de Dia da Liberdade Galáctica ou Dia Verde, com a finalidade de perdoar dívidas, pecados e começar uma vida nova. Percebemos, também, que enquanto no sistema 12:60 "Tempo é Dinheiro", no sistema natural 13:20, "Tempo é Arte".

Com o Sincronário de Treze Luas como base das investigações da Lei do Tempo, criamos um kit de ferramentas do novo tempo, chamado Encantamento do Sonho - a Viagem da Nave do Tempo Terra 2013, editado em 1991.

Não existe questão alguma da qual possa depender completamente o futuro da civilização como também o da Biosfera - com uma reforma de calendário estrategicamente sincronizada e bem projetada, que leva em conta todos os aspectos da existência humana, pois não existe nada que não seja afetado pelo tempo.

A observação destas reflexões evidencia a pré-existência do Sincronário de Treze Luas. O Calendário Positivista de Comte originou-se do taitiano. O calendário de treze luas andino, Pachacuti, ainda está em uso. Os maias conheciam e usavam o calendário de treze luas, e o chamavam de Tun Uc. Na antiga Inglaterra e Europa este mesmo calendário era conhecido como o calendário druida. Os arqueólogos japoneses confirmaram que ele também era conhecido pelos seus ancestrais. A lembrança do ciclo de 28 dias - o ciclo biológico feminino - é considerado nas tradições das casas lunares dos chineses e hindus, enquanto que entre o povo lakota, sempre eram usadas 28 colunas para a construção da tipi. E 28 não são somente os dias do ciclo das lunações, como também é o número de dias que o Sol leva para girar em torno do seu eixo. O retorno ao uso deste calendário é exatamente porque ele corresponde ao ciclo biológico feminino, que se processa dentro de uma profunda harmonia e regularidade naturais. Existe motivo melhor para a humanidade levar adiante a causa evolutiva e voltar aos ciclos naturais?

O mito da sequência do ciclo semanal não tem nenhum poder em face ao uso contínuo de um calendário que é totalmente problemático e sem solução. Este mito deve ser visto como o último dogma do calendário Gregoriano. Seguindo a derrota de

todas as tentativas para a reforma do calendário, na primeira metade deste século, o Gregoriano teve uma suspensão de meio século.

A humanidade, que agora caminha inconsciente e alienada, deve experimentar um dia fora do tempo, de liberdade, absolutamente sem caos, mas com a possibilidade de um novo começo, alívio de todas as dívidas, numa atmosfera de perdão e reconciliação, onde a paz possa ser vivenciada uma vez mais, assim como a difusão da arte e da cultura.

Ao compartilhar estas reflexões concluímos que tudo o que for executado pela reforma de calendário será pela paz. O Sincronário de Treze Luas é o Sincronário da Paz. Esta reforma é empreendida, não em reação a um calendário irregular ou qualquer velha instituição, mas, em nome de um profundo bom senso e a descoberta de uma lei fundamental da natureza, a Lei do Tempo.

É nossa missão ajudar a estabelecer uma verdadeira cultura de paz na Terra. Chamamo-la de Cultura Galáctica, porque liberados nos ciclos naturais do tempo, reconheceremo-nos como seres verdadeiramente cósmicos, participantes de um processo evolutivo espiritual que, internamente, nos conecta à ordem galáctica.

Sim, existe um tempo de guerra e um tempo de paz. No tempo de guerra só conhecíamos a guerra, então, no tempo de paz só conheceremos a paz.

Que a Paz prevaleça! Paz Global Agora!

Capítulo 2

Descobrindo a Lei do Tempo

Tempo é Arte

T(E) = ARTE
T = tempo
E = energia
$E = mc^2$ (fórmula da Lei da relatividade)
m = massa
c^2 = velocidade da luz ao quadrado

A base do conhecimento cronológico é chamada de Lei do Tempo. Ela não é uma invenção, e age desde o começo das eras. A Lei do Tempo governa todos os estágios da evolução: as árvores, os golfinhos, os pássaros e todas as espécies são controlados pela Lei do Tempo, vivendo, instintivamente, de acordo com esta lei que rege o universo.

O que desejamos é tornar a Lei do Tempo consciente. Ela está emergindo das águas, e ao tornar-se consciente para nós, marcará uma grande linha divisória entre a inconsciência e a consciência cósmica.

A Lei do Tempo é expressa de maneira simples como: T (E) = Arte, Tempo (T) fatorado pela energia (E) é igual à Arte. Isto explica porque você nunca viu um pôr-do-sol feio. Este é o motivo de os pássaros voarem formando desenhos e até de os escorpiões executarem uma bela dança. Todo o universo realmente é um trabalho de arte e nos dias que antecederam ao triunfo da ciência materialista era comum dizer-se que Deus é o supremo arquiteto. Depois do surgimento da tecnosfera diz-se que Ele tornou-se fabricante de relógios. Grande diferença....

Quando dizemos que "Tempo fatorado pela Energia é Arte", vemos a beleza do pôr-do-sol e como tudo na natureza é harmonioso. Então, perguntamos: o que é o tempo e por que ele deixa toda essa ordem harmoniosa? O tempo é um tipo de informação biológica e, como tal, podemos dizer que ele "in-forma a vida". Constatamos isso em qualquer forma viva: ela tem seus estágios de desenvolvimento e suas formas peculiares. Até mesmo comunidades ou estruturas sociais têm sua estética e qualidade artística. Este é um ponto realmente profundo que deveremos entender muito bem. Quando compreendemos que é o tempo que informa a vida, constatamos que ele é o princípio e a informação universal. Olhem, atentamente, para a palavra "in-formar". Informar é colocar dentro da forma. Depende de que forma vivemos, e como exteriorizamos esta forma.

Tudo é Número. Deus é Número. Deus está em Tudo.

Então, como humanos temos uma forma peculiar. Vemos que nosso corpo tem uma simetria bilateral: 2 olhos, 2 orelhas, 20 dedos (nas mãos e nos pés), 13 articulações maiores (2 nos tornozelos, 2 nos joelhos, 2 nos quadris, 2 nos pulsos, 2 nos cotovelos, 2 nos ombros e uma no pescoço) etc. Essa estrutura, em si, é uma forma de tempo. Incorporamos o tempo. Quando falamos no "T" da fórmula, estamos falando da freqüência matemática 13:20, que é uma constante universal. Esta é uma proporção matemática perfeita, simples e com muitas aplicações.

A diferença entre 13 e 20 é 7. Sete é o número-chave dentro desta proporção, e por não vê-lo, dizemos que ele é oculto. Consideremos o número 13: se pegarmos 13 canetas, ou outras formas e as alinharmos, veremos seis de um lado, seis do outro e a sétima no meio. Este é novamente o sétimo oculto. Este sete também coordena o heptágono da mente. Hepta vem do grego e significa "sete". O heptágono é uma figura com sete lados, mas a verdadeira forma é a do cubo, em cujo centro se localiza o sétimo ponto, que mantém todos os lados unidos. Este ponto é muito importante.

Quando observamos a fórmula: "Tempo fatorado pela Energia é Arte", estamos lidando com um princípio informativo que tem uma base matemática muito simples, com o número 7 oculto no centro. Esta é uma constante universal, qualquer forma de energia existente é subordinada ao tempo. Por isso dizem que ele tem o poder de destruir montanhas e que ele cura tudo. O tempo é a Lei Maior. Nada escapa a ela.

Toda a tecnosfera moderna é uma conspiração para negar esta lei, mas ela destruirá a civilização.

A Lei do Tempo vem da fonte única: o Supremo Criador, independentemente de como você define, imagina ou entende isso. Ela é a Lei Suprema que o Criador usa para gerar a criação. Muitas dessas idéias são globais e bem conhecidas, mas, somente agora, estamos dando-lhes uma forma mais precisa. Não há nada que exista na natureza que não tenha sua forma e sua medida e são estas formas e medidas que constituem a ordem total do universo. A ordem universal é governada por esta freqüência, ou proporção matemática. Não importa a forma de energia - se é uma vida ou se são nuvens - todas essas manifestações têm sua forma e sua medida. Tudo o que existe pode ser conhecido através de sua forma e medida. Agora podemos compreender melhor a qualidade e o modo pelo qual a vida se apresenta. Por exemplo, notamos que cada um de nós parece diferente, mas temos a mesma simetria, a mesma forma, então, não somos tão diferentes assim... Obviamente, existe um arquétipo primordial do qual são geradas todas as formas. Seguindo a lei matemática, o arquétipo veio do um para o dois, o que originou a diferenciação

sexual, mas ainda é o mesmo padrão. A partir destes dois, iniciou-se a multiplicação binária. Somos todos iguais; somos todos diferentes. Somos todos indivíduos, mas estamos todos no Uno.

Devido ao nosso nível de desenvolvimento, congregamo-nos em grandes grupos sociais. Observando a natureza, constatamos que todas as formas vivas criam grandes comunidades, como por exemplo, as formigas, as abelhas e outros espécimes. Ao observar a comunidade dos golfinhos, percebemos que a individualidade cria o todo. O todo distingue a forma de vida. É na ordem total da realidade que cada comunidade existe. Podemos dizer que o padrão de cada um, assim como o de cada comunidade, é ordenado pelo tempo. Também dizemos que ele ordena a vida em grandes conjuntos. Como exemplo da diferença individual e do "todo", citamos o micróbio. Um micróbio é insignificante, não é nada, mas uma colônia de micróbios é preocupante, é tudo. Este é o ponto – e é neste ponto que nós, humanos, não estamos integrados no tempo.

Por esta razão não alcançamos a unificação da comunidade humana e não a alcançaremos enquanto não estivermos sincronizados no tempo. Quando estivermos realmente sincronizados, de acordo com a Lei do Tempo, seremos como uma gigantesca colônia de micróbios na Terra. E, como as comunidades primordiais, estaremos unificados pela telepatia. Estamos no "jardim de infância"; somos muito imaturos. Dizer que somos imaturos é dizer que ainda não alcançamos um estado de maturidade, no qual nos tornaremos uma coletividade. Como observamos o conceito do "todo" já existiu. Tivemos muitos místicos ou santos que estavam preparadas para viver como se o "todo" existisse. Um bom exemplo foi São Francisco. Ele era amigo dos animais e este é um ponto marcante. Quando todas as formas de vida viverem de acordo com a Lei do Tempo, entraremos no "jardim do paraíso", onde o leão convive com o cordeiro..... Estamos caminhando para este estado.

Ciência Holonômica

Esses são alguns conceitos para entendermos o tempo. Ao dizermos que o tempo ordena a vida em totalidades maiores, estamos introduzindo outro termo: holonomia - a ciência do todo; a ciência que tem como princípio que a vida é um todo, que o universo é um todo integral e que cada parte do universo é o reflexo do todo. Isso é ciência holonômica.

Quando falamos sobre a ciência do tempo, agregamos a ela a holonomia. Isso porque, como já dissemos, o tempo ordena a vida em um todo. Enquanto a holonomia estuda os padrões do todo, a ciência do tempo mostra como entender que o todo vai de um nível ao outro... e ao outro. Novamente devemos aplicar isso a nós mesmos: sabemos quem somos nós, neste planeta? Sabemos quem somos no planeta neste momento? Muitas pessoas não sabem.

Neste momento, percebemos que somos uma espécie que toma consciência da Lei do Tempo, pela primeira vez. Este momento exige um entendimento da Lei do Tempo, o que parece ser difícil. Em algum ponto ao longo do caminho optamos pelo crime, em vez de escolher a utopia. Institucionalizamos o crime em nossa sociedade ao ponto de o aceitarmos como normal em nossa sociedade. Depois, criamos instituições que fazem leis para controlar o crime. Por quê?

Se tivermos um entendimento claro da causa geradora de todos esses sintomas e formos aptos a incorporar o conhecimento dessa causa, bem como a devida correção, estaremos prontos para seguir em frente num caminho evolutivo que nos libertará desta situação. Precisamos ser pacientes para entender todos estes conhecimentos e palavras novas. Assim, estudando e vivenciando o tempo e a holonomia, seremos um ser vivente total. Isso não é um conhecimento abstrato sem relação com a vida. Nestes tempos, precisamos estar juntos e direcionar nossa mente para a verdadeira realidade da vida.

Novamente definiremos holonomia: a ciência de acordo com a lei e o padrão do todo. Sabemos que o entendimento do padrão e da lei do todo são governados pela Lei do Tempo em seu sistemático desdobramento evolutivo. Desta maneira, daremos um próximo passo dizendo que o tempo é um sistema integral ordenando um princípio.

Observando o universo, veremos vários níveis da ordem. Esses níveis, que ocorrem em diferentes estágios, são uma função da Lei do Tempo. Agora podemos chegar ao próximo questionamento: Como vivenciamos e como expressamos o tempo? Estes são pontos interessantes.

O tempo é mental e realmente espiritual porque falamos de tudo existindo em padrões totais. Em inglês as palavras: "todo" e "sagrado" estão relacionadas. Podemos dizer que tudo é sagrado. Aliás, nada deixou de ser sagrado; nossas percepções é que estão distorcidas. Quando perguntamos como vivenciamos ou como expressamos o tempo, queremos dizer que ele é mental e que não há diferenças entre o mental, o espiritual e o todo. Pergunto novamente: como experimentamos o tempo? Quando realmente nos apercebemos do que é o tempo, temos a experiência do "não-tempo", que está no centro do tempo. Isso nos remete a todas as vivências dos místicos e santos. Essas experiências coletivas se referem à filosofia perene. Sabemos que os místicos têm experiência e dizem: "Na minha experiência, eu contato todas as pessoas. Dissolvo-me em todas as almas... Minha mente atinge toda a extensão do universo, instantaneamente".

Maomé, na Noite de Glória, foi levado até o fim do universo. Foi levado a um lugar onde anjos o informaram sobre tudo. Quando ele retornou desta experiência, ficou claro que, num breve momento, aconteceram muito mais coisas do que é possível se estivermos neste mundo. Então, sempre que falarmos em experiência ou como expressar o tempo, falamos sobre o "não-tempo", que é o aqui e agora. É a essência do rio que se move, mas nada em seu interior se move. Os taoístas chegaram a este ponto e tiveram um completo entendimento do aqui e agora, que para nós é um paradoxo: no meio do tempo existe o "não-tempo". Sem conhecermos o "não-tempo", nada saberemos sobre o tempo. Para conhecer o "não-tempo", devemos esvaziar

a mente. Somente com a mente vazia, quando paramos de pensar é que temos um vislumbre do "não-tempo". É difícil conseguir. Tudo que preciso dizer é tempo e "não-tempo", e logo ouço um zumbido zzzz. Sei que essas coisas soam simples, mas não são fáceis.

O surpreendente da existência humana é que continuamos com o paradoxo. Podemos ter uma experiência de "não-tempo", sentir-nos plenos de felicidade ou êxtase; estar em profunda harmonia com todo o universo, e logo depois ter uma discussão com o nosso patrão. Então, percebemos que continuamos vivendo esse paradoxo.

Não Tempo Radial

O ponto essencial é que no centro do tempo está o "não-tempo" - o eterno aqui e agora. Podemos pensar no "não-tempo" como se estivéssemos no centro de uma mandala, que é nossa própria vida. No meio de nossa vida está o "não-tempo", e é dele que o tempo se irradia. Desta forma, teremos a correta relação entre tempo e "não-tempo". Ou ainda podemos dizer que o "não-tempo" é o centro do nada e é dele que o tempo se irradia. Ainda temos a experiência subjetiva do tempo, quando achamos que ele passa devagar ou rápido demais. Quando passa devagar, torna-se enfadonho e questionamos: quanto tempo levará para esta situação acabar? Ou então: esse moço não vai parar de falar nunca? Quanto ele ainda vai falar até a hora do almoço?

Ciclos

Quando abordamos o tópico da Lei do Tempo ou da natureza do tempo, estamos lidando com algo muito complexo. Percebemos que estamos envolvidos no tempo e que este nos transmite experiências subjetivas. Também experimentamos o "não-tempo". Precisamos conectar e entender tudo isso. Podemos voltar ao nosso ponto subjetivo para ampliarmos nossa visão e percebermos que existe uma relação entre o tempo e os ciclos, que ciclos de tempo existem com padrões definidos.

Podemos perceber isso no decurso de um dia.

De manhã, acordamos sonolentos e depois de um momento tomamos banho e nos vestimos. Então, percebemos que estamos totalmente despertos. Somos hoje a mesma pessoa que fomos antes de ir dormir na noite passada? O que acontecerá ou o que faremos hoje? Então dizemos: "OK, o tempo informou-me que não posso viver a menos que coloque algo no meu estômago"; isso faz parte... Em seguida, envolvemo-nos com várias atividades cotidianas a ponto de esquecermos as dúvidas que tínhamos a nosso respeito, ao levantarmos pela manhã. Mas, continuamos muito ocupados até o final do dia, quando o sol se põe. Dependendo da nossa disposição, ainda decidimos nadar, relaxar um pouco, ou beber alguma coisa. E, no final de tudo, preparamo-nos novamente para a próxima noite de sono. Este é o exemplo mais corriqueiro para explicarmos os padrões do tempo em ciclos.

O ciclo diário parece ter uma conexão com uma existência maior. Normalmente, levantamos quando o sol nasce e começamos a relaxar, preparando-nos para dormir depois de o sol se pôr. Não nos apercebemos disso, mas somos programados pelo sol. Até mesmo o sol se move no céu durante um longo ciclo. Também existem relações com as fases da lua. Será que a nossa pequena vida diária é uma função do sol ou da lua? Agora, notamos que, abaixo dos nossos pés, existe a terra. Vemos a terra, o sol, a lua, e a nós mesmos. Todos os dias, dormimos, acordamos e voltamos a dormir... Parece que seguimos um padrão, assim como a terra, o sol e a lua, também seguem seu padrão. Tudo parece ser em função do giro da terra. Observem: isso parece ser um padrão cósmico maior. Então, começamos a dizer que o tempo avança em ciclos.

Indagamos: como expressar isso? O tempo avança num ciclo? O que é um ciclo? Pensamos que o tempo é linear. Atualmente, a humanidade tem um conceito primitivo sobre o tempo: que ele é uma linha que começou em algum lugar, e que estamos nessa linha, sendo arrastados, inexoravelmente, para o futuro. Este é o conceito atual sobre o tempo. Se considerarmos o tempo como uma linha, parece não ter muito que fazer com o

"não-tempo". Levando em conta o conceito do tempo em ciclos, logo percebemos que a teoria do tempo linear é muito primitiva... Contudo, a linearidade domina a cultura terrena atual.

Considero que o tempo é cíclico e tenho alguns motivos para dizer isso. Vemos que a Terra tem os ciclos das estações anuais. O frio e o calor, o seco e o molhado, são diferentes padrões. Observando os ciclos por este prisma, podemos dizer que eles não têm nada a ver com o tempo linear. Presumo que estou falando sobre esses assuntos de maneira simples e básica. A razão disso também é simples. Quando somos criança, ninguém nos pergunta qual instrumento queremos usar para medir o nosso tempo. O calendário gregoriano, simplesmente, nos é imposto. É surpreendente que a humanidade chegou tão longe, mesmo sem ter este conhecimento básico. Com todo o avanço tecnológico, ela depredou a natureza, poluiu o ar, a água e, em conseqüência, agora está prestes a aniquilar o planeta. Por este motivo, a divulgação deste conhecimento torna-se urgente. Talvez traga alguma luz para esta instituição ignorante. Chamamos este curso de "remediador", por termos o entendimento sobre algo tão básico.

Falamos sobre o conceito da linearidade do tempo e o contraste disso em relação ao tempo cíclico. Tentamos imaginar o tempo como um processo "de fluir". Temos a terra, a lua e o sol, nossa estrela. Contemplando o céu noturno, vemos as estrelas e sabemos que o nosso sol é uma delas; um membro de um "todo maior" chamado galáxia ou "todo galáctico". Então, temos a terra e sua lua, o sol, a galáxia e tudo faz parte de um único sistema. Vemos estes diferentes níveis se movendo; assim também se move a galáxia. Existe o centro desta galáxia e, em algum lugar, o centro do universo. Da mesma maneira, existe o centro da terra, o centro de cada estrela e, porque não dizer, um centro dentro de nós... Tudo está conectado ao "não-tempo". Como podem ser expressos todos esses diferentes níveis? Temos a linha, o ciclo e a espiral. A espiral descreve melhor o movimento do "todo", porque os ciclos não permanecem no mesmo lugar. Então, concluímos que o tempo espirala continuamente.

Calendários e a Organização da Sociedade

Inicialmente, a sociedade humana traduziu a ordem do tempo em calendários. Geralmente, dizemos que o calendário é um instrumento para medir o tempo. Mas, por que precisamos disso? Temos essa necessidade porque representamos uma espécie em evolução, e o calendário participa desse processo. O principal objetivo desta etapa evolutiva é tornar consciente o que até agora era inconsciente. Sabemos que as árvores, os golfinhos e outras criaturas têm maneiras de internalizarem a medida do tempo em suas formas biológicas. Somos criaturas caminhando do instinto e do inconsciente para a super-consciência auto-reflexiva. Neste processo, precisamos exteriorizar a personalidade, o padrão de nossos hábitos e a memória numa ordem, de modo a conservar e sincronizar nossa forma social. Quando temos um calendário, por exemplo, o Gregoriano (da Igreja Católica ou do Vaticano), observamos que cada dia é associado a um santo. Isto é um exemplo do uso do calendário para manter viva a memória de uma organização social.

Mas, quando examinamos o Calendário Gregoriano como instrumento de medida do tempo, observamos que há algo errado, por ele não possuir unidades de medidas regulares. Usando um instrumento de medida com unidades irregulares, criamos irregularidade e distorção. Se o tempo é mental, os instrumentos de tempo usados estabelecem ordens mentais apropriadas a eles. Portanto, o Calendário Gregoriano cria uma ordem mental irregular e distorcida. Em conseqüência disso, talvez tenhamos idéia porque escolhemos o crime à utopia. No Gregoriano não existe nada que se sintonize com o tempo e que leve à harmonia. Este é o ponto crítico sobre o qual devemos refletir seriamente, para entender o que está prejudicando a humanidade.

Usando uma unidade de medida irregular, isso ficará programado em nossa mente. É como criar uma ordem social sobre uma base duvidosa que origina formas sociais dissonantes e que nunca lograrão sucesso. Atualmente, vivem no planeta

seis bilhões de seres humanos inconscientes e dessincronizados, dominados por uma cultura que usa o calendário para produzir mentes distorcidas.

A cultura dominante está em vias de tornar as pessoas cada vez mais alienadas. Em química, existe um estado chamado "movimento browniano", no qual todas as partículas estão se agitando e não criam uma forma ordenada. Seis bilhões de seres humanos estão se agitando, mas não criam uma "ordem consciente do todo", o que os torna profundamente infelizes. Pensemos nesses bilhões de humanos agitados, como pequenos filamentos de metal, e a Lei do Tempo funcionando como ímã, atraindo os filamentos. Quando se aproximam do ímã, os filamentos entram em ordem.

Portanto, a Lei do Tempo funciona como um imã que ordena as mentes humanas. Todo desregramento aconteceu porque o estado mental dominante no mundo opera através de um calendário que deixa as mentes irregulares. Esta é a razão de tanta resistência às mudanças, porque a alienação é tão profunda, que os envolvidos neste processo não enxergam meios de mudar ou agir diferente. Asseguro-lhes: se trocássemos o calendário existente pelo Sincronário de 13 Luas, e avisássemos a todos que hoje não é dia 26 de outubro, mas sim, Seli 9 da Lua Auto-Existente, tudo poderia mudar e os dias gregorianos seriam esquecidos para sempre. Esta é uma descrição simples e clara do problema.

O que é um calendário, e por que precisamos dele? Como esta pergunta é profunda! Bem, não o saberemos enquanto não usarmos o sincronário correto e sentirmos seus efeitos. Se a unidade de medida afeta a mente, e uma unidade irregular condiciona a mente a pensar distorcida e irregularmente, um sincronário com unidades regulares criará estados mentais harmoniosos, ou inclinados a soluções mais adequadas. Assim, vemos, claramente, que o uso de um padrão de medida regular leva a um estado mental equilibrado. Portanto, precisamos aplicar um instrumento de medida regular, para corrigir o nosso deformado senso de tempo.

Logicamente, para a maioria das pessoas que usam calendários, o Sincronário 13 Luas parecerá muito complexo, em virtude de suas mentes estarem condicionada a um conceito de tempo primitivo. Mas, se o examinarem cuidadosamente, constatarão que ele é totalmente harmônico. Devemos ter a consciência de que ele realmente é um padrão de medida que leva em conta a nossa relação com a terra, a lua, o sol e com a Galáxia. Isto é o sistema do "todo" no qual estamos inseridos. É muito importante que um calendário mantenha a ordem do tempo em seqüência, para que nossas memórias, hábitos e conceitos mentais sejam conservados. Além disso, o instrumento de medida tem a função de nos sincronizar com os ciclos e padrões que regem o universo.

Obviamente, existe muita confusão sobre a natureza dos calendários. Por exemplo, se você consultar a Enciclopédia Britânica, procurando o termo calendário, você constatará que cerca de 80% dos verbetes descrevem o Calendário Gregoriano, com raras menções ao Calendário Maia. Isso é de se esperar porque esta enciclopédia é um produto da cultura dominante. Existem muitos tipos de calendários. Para o nosso estudo, basicamente trataremos de dois. O Sincronário de 13 Luas que, realmente é um padrão solar/lunar, cuja base de medida é o ciclo de vinte e oito dias. É interessante observar que este padrão foi usado pela maioria das culturas pré-históricas com avançado grau de evolução, e que viviam na mais profunda harmonia. Esses povos tinham estreita relação com as forças naturais e entenderam que o propósito da vida é equilibrar a existência humana com essas forças.

O outro tipo de calendário é o lunar, baseado nos ciclos sinódicos da lua, que vão de uma fase da lua nova à outra. Mas, lembramos: os ciclos sinódicos medem a lua como esta é vista da Terra, o que não é a realidade do nosso satélite. Outro ciclo lunar é o sideral, que é medido considerando-se o lugar onde a lua aparece no céu e quando ela reaparece neste mesmo lugar. O ciclo sinódico tem uma medida irregular de 29,5 dias; o ciclo sideral tem, em média, 27 dias. Podemos ver que entre 27 e 29 dias está o ponto médio de 28 dias. A grande sabedoria das culturas pré-históricas já usava o o padrão de medida de 13 Luas de

28 dias.

Mostrando um calendário da civilização Inca, Valum Votan disse: aqui temos um exemplo sobre o qual podemos falar. Este calendário foi do ano de 5490, portanto, foi usado por um longo tempo. Hoje estamos no ano de 5507... Este calendário com 13 Luas de 28 dias é chamado de Pachacuti (como Pachamama que é a Mãe-Terra) e se refere ao ciclo terrestre. Os ciclos Pachacuti são de 500 anos, então em 1992 foi o ano 5500, o que significa que exatamente onze ciclos Pachacuti já se passaram. Assim, agora estamos no sétimo ano do começo do 12º Ciclo Pachacuti.

Todos os calendários de 13 luas a que nos referimos são solares/lunares, porque 13x28 = 364. E todos esses padrões têm um dia especial que é o 365º dia, por isso dizemos que o calendário é solar/lunar, porque 365 dias é a trajetória da Terra girando em torno do Sol, e os 28 dias são a média dos ciclos da lua. Calendários baseados apenas nos ciclos sinódicos da lua são puramente lunares e não levam em conta o ciclo solar. Em outras palavras, eles medem o ano lunar. Os calendários lunares são compostos por doze ciclos, com 29,5 dias, o que perfaz 354 dias, e são 11 dias a menos que o ciclo solar de 365 dias. Este ponto é interessante se considerarmos a relação do homem com a terra, a lua, o sol e a galáxia.

As culturas que usavam somente calendários lunares não desenvolveram a consciência solar. Onde estão esses calendários? As culturas do Velho Mundo, especialmente os chineses, japoneses, tibetanos, hindus, árabes e hebreus usavam somente calendários lunares. Esses são os maiores calendários lunares. Na verdade, existe somente um calendário lunar, porque os hindus, árabes, judeus, japoneses vêem a mesma lua nova. Então, excluindo o fato de serem um calendário lunar chinês ou árabe, eles apenas são arbitrárias divisões culturais, porque existe somente uma única lua. Deste ponto de vista, é interessante considerar a visão dessas culturas e civilizações. Portanto, tudo o que foi desenvolvido durante o período da história foi produzido por culturas, um tanto desequilibradas. Essas civilizações que se baseavam em

calendários lunares eram patriarcais. Psicologicamente este é um fato curioso, pois como não tinham consciência solar, os homens compensavam isto dominando a sociedade, paradoxalmente usando um calendário lunar (que é feminino).

Quando falamos sobre o Calendário Gregoriano, consideramo-lo um calendário solar falso, que cria um desequilíbrio ainda maior e uma forma de patriarcado pior. A sua origem é obscura.

Babilônios e egípcios usam um calendário de doze meses com trinta dias e mais um ciclo com cinco dias, esta é a media de um ano solar. Mas esses trinta dias realmente não correspondem a nenhum ciclo astronômico. É lógico que nos primeiros estágios dessas civilizações, considerava-se que usavam calendários solares; no entanto, eles eram a resultante de uma operação da geometria do círculo.

Esta forma primitiva de calendários solares no Velho Mundo desapareceu após algum tempo, e na época do Império Romano, o imperador Júlio César formulou um calendário solar com 365 dias, mas era basicamente uma versão irregular similar ao dos sumérios. O calendário de Julio César e o Gregoriano essencialmente são os mesmos. O que o papa Gregório XIII fez foi convocar os melhores cientistas e astrônomos para elaborarem o sistema de ano bissexto. Esta foi a introdução do dia 29 de fevereiro. Eles trabalharam tão sistematicamente que um ano bissexto acontece a cada quatro anos, mas, não no último ano do século, a menos que o século fosse divisível por quatro. Em outras palavras, 1900 não foi um ano bissexto, mas 2000 foi. Este é, verdadeiramente, um modelo diabólico, porque foi designado um caminho sistemático, que ganhou a admiração dos cientistas da época.

Bem, isso foi um pouco da história do Velho Mundo. Agora, mencionaremos o Sincronário de 13 Luas, que é a verdadeira medida do ano solar de 365 dias, mas, também, é baseado na medida média do ciclo lunar de 28 dias. Sabemos que este padrão foi usado pela civilização Inca, com o nome de Pachakuti e é originário de civilizações sul-americanas, anteriores àquela.

Quando estudamos as civilizações que usaram este padrão, observamos que por um lado elas priorizavam a coletividade, mas, por outro lado, houve monarquias ou umas famílias imperiais, com a função de controlar se tudo na sociedade realmente era coletivo.

Pesquisas indicam que os incas, além do padrão de 13 luas, possuíam uma concepção de tempo muito desenvolvida, que envolvia cinco diferentes ordens radiais, chamadas Hanan e Urin (perto de Hanan e além de Hanan; perto de Urin e além de Urin).

No estudo sobre a sociedade Inca e pré-incaica, podemos observar como o tempo informa a ordem social. A sociedade, além de ter um caráter coletivo, era formada por grupos sociais com diferentes funções. Havia uma fase da vida em que o indivíduo era fazendeiro e em outra, poderia ser um artesão. Dessa forma, era uma ordem social móvel. Também celebravam o dia extra (o 365º) no solstício de inverno (no hemisfério sul), 21 de junho. O Ano Novo, também era um dia de grande comemoração.

Outro padrão de 13 luas que conhecemos é o druida. Novamente quero enfatizar a natureza pré-histórica destes calendários. O druida chegou à Inglaterra há mais de 3000 anos. É muito interessante, pois ele parece ser um complemento do calendário inca, Pachakuti. No druida, o dia extra é celebrado em 23 de dezembro, no inverno do hemisfério norte, enquanto que o dia extra no Pachacuti é 21 de junho, inverno no hemisfério sul. É curioso que o padrão de 13 luas e 28 dias druida era usado com o "alfabeto das árvores", de 20 letras. Portanto, temos a freqüência 13:20 estruturada no calendário druida.

As primitivas culturas druidas/celtas eram muito envolvidas com as forças da natureza. Elas dividiam o ano em cinco períodos de 72 dias cada; com isso, novamente temos cinco dias extras, o que é similar ao conceito do uayeb - os cinco dias extras do calendário solar maia, chamado Haab. Estou mencionando estes fatos não porque quero ser escolástico, mas para demonstrar que a Lei do Tempo tem operado no inconsciente coletivo das

culturas primitivas que nos antecederam. Esse é o principal motivo pelo qual falo sobre isto; para enfatizar que o Sincronário 13 Luas de 28 dias tem um respaldo harmônico de muitos povos pré-históricos e de várias outras correntes histórico-culturais, extremamente sintonizados com a natureza.

Mas, sem dúvida, os Maias foram os "mestres do tempo". No apogeu de sua civilização, usavam mais de dezessete calendários, e isso enfatiza que o propósito de um calendário é sincronizar. Eles demonstraram que, quanto mais unidades de medidas são usadas simultaneamente, mais podemos nos sincronizar. Quando usamos o Calendário Gregoriano (que nem mesmo é um calendário lunar e distorce a mente), vemos porque permanecemos na linearidade, e porque ficamos surpresos quando a sincronia acontece.

Entre os calendários usados pelos Maias, existia o Tun-Uc; (Tun significa conta, Uc significa simultaneamente lua e sete); então: conta da lua ou conta do sete. 28 = 4 X 7, ou os sete dias da semana - esse é um assunto simples, mas profundo. O Tun-Uc era sincronizado com a astronomia e as treze constelações maias. Eles também tinham o Haab, um calendário solar usado simultaneamente com o Tun-Uc. Ambos os calendários tinham a medida de 365 dias, mas o Haab usava a conta dos vinte; desse modo, existiam 18 ciclos de 20 dias e mais cinco dias que era o período do uayeb. O ciclo com vinte dias era chamado de vinal, e o uayeb, de cinco dias, era o último ciclo.

No século 17, estes calendários foram sincronizados com a data correlata de 26 de julho. Isso foi decidido por razões galácticas. Por hora, vemos que os calendários lunares são baseados nos ciclos da lua e os solares fazem menção ao ciclo solar. O Tun-Uc, o Pachakuti e os calendários Druidas são solares/lunares. O Haab e o Tun-Uc são calendários galácticos, por usarem como ponto de sincronia a data de 26 de julho, o dia do evento cósmico, quando a estrela Sírius atinge a sua máxima ascensão em relação ao Sol. Isto é muito interessante, pois: enquanto os calendários Druida e Pachacuti eram regidos pelos solstícios, o Tun-Uc e Haab não eram sincronizados por solstícios, ou pela lua, mas por uma estrela: Sírius.

	1	21	41	61	81	101	121	141	161	181	201	221	241
	2	22	42	62	82	102	122	142	162	182	202	222	242
	3	23	43	63	83	103	123	143	163	183	203	223	243
	4	24	44	64	84	104	124	144	164	184	204	224	244
	5	25	45	65	85	105	125	145	165	185	205	225	245
	6	26	46	66	86	106	126	146	166	186	206	226	246
	7	27	47	67	87	107	127	147	167	187	207	227	247
	8	28	48	68	88	108	128	148	168	188	208	228	248
	9	29	49	69	89	109	129	149	169	189	209	229	249
	10	30	50	70	90	110	130	150	170	190	210	230	250
	11	31	51	71	91	111	131	151	171	191	211	231	251
	12	32	52	72	92	112	132	152	172	192	212	232	252
	13	33	53	73	93	113	133	153	173	193	213	233	253
	14	34	54	74	94	114	134	154	174	194	214	234	254
	15	35	55	75	95	115	135	155	175	195	215	235	255
	16	36	56	76	96	116	136	156	176	196	216	236	256
	17	37	57	77	97	117	137	157	177	197	217	237	257
	18	38	58	78	98	118	138	158	178	198	218	238	258
	19	39	59	79	99	119	139	159	179	199	219	239	259
	20	40	60	80	100	120	140	160	180	200	220	240	260

Matriz 13:20 - Tzolkin
O Calendário Sagrado dos Maias

Matriz 13:20 - Tzolkin - O Calendário Sagrado dos Maias

Este é outro dos vários calendários maias. Ele também é conhecido como Módulo Harmônico ou Matriz Radial de 260 Kins (dias), e consiste de 20 Selos e 13 Tons, que é a medida quadridimensional do Tempo Galáctico.

É curioso que entre os antigos egípcios encontramos a conhecida Teologia de Memphis. Esta escola também usava o padrão de 13 luas, chamado "Calendário de Thoth", aquele que trouxe o conhecimento, encontrado na tradição de Hermes Trismegisto. O padrão de 13 luas de Thoth também tinha como data-início a ascensão máxima de Sírius. Ambas as civilizações, a maia e a egípcia, determinavam o início de seus calendários pela estrela Sírius.

Existem outros fatos interessantes: a ascensão da estrela Sírius foi escolhida como data inicial do ano por vários calendários, em 692 d.C., no dia 16 de julho do calendário de Júlio César.

O calendário islâmico adotou como sua data inicial o dia 16 de julho de 622 d.C. do calendário Juliano (que corresponde ao dia 26 de julho do Gregoriano), data em que ocorreu a famosa "Hegira de Maomé". Portanto, existe uma correlação entre os calendários islâmico, de Thoth, e os maias Tun-Uc e Haab. Essa correlação chama a atenção, porque no Alcorão, somente uma estrela é mencionada pelo nome Sírius. Tudo isso é muito profundo! Essas são apenas algumas informações históricas sobre o Sincronário de 13 Luas (baseado no Tun-Uc) que estamos usando há 22 anos.

Também temos conhecimento do movimento de reforma do Gregoriano, proposta no século XX, quando foi indicado o de 13 luas-28 dias. Este calendário foi introduzido nos tempos modernos pelo filósofo francês Augusto Comte. Em 1842, alguns viajantes franceses, que estiveram no Taiti, mostraram o padrão de 13 luas-28 dias polinésio a Comte, que o estudou por sete anos, e em 1849 propôs a reforma do Gregoriano, sugerindo que ele deveria ser baseado no padrão de 13 luas.

Coincidentemente, no ano 1842, quando Comte conheceu o padrão de 13 luas, havia transcorrido exatamente 260 anos desde a última reforma do Gregoriano, em 1582. Qualquer pessoa que estuda o Encantamento do Sonho sabe que 260 anos representam um Ciclo Ahau. 13 x 20 =260.

TUDO É NÚMERO. DEUS É NÚMERO. DEUS ESTÁ EM TUDO.

Capítulo 3

A Cosmologia do Tempo

A Cosmologia do tempo não tem começo nem fim, isto é muito diferente do que conhecemos como cosmologia do espaço. Hoje, todos os astrofísicos estão buscando o começo, e para isso mandam grandes telescópios para o espaço e dizem: "Provavelmente, vimos o Big-bang, ou Sentimos a vibração do Big-bang; estamos chegando perto". Bem, na verdade, se eles parassem a mente, achariam o começo. Realmente, não é necessário tanto esforço para achar o começo; se quiserem achá-lo, talvez, deveriam rezar para ouvir o que Deus tem a dizer. Mas isto cai na mais profunda questão da cosmologia do tempo e do espaço.

Ao falarmos em cosmologia do espaço, sempre pensamos que viemos de um começo abstrato. Em todas as tradições espirituais, existe uma passagem que diz: "E Deus pensou". Achamos que este pensamento foi em algum ponto absoluto. Talvez, Deus esteja pensando isso justamente agora, e não há 15 bilhões de anos atrás. Então, pensemos que isso esteja ocorrendo neste preciso momento.

Quando falamos de cosmologia, tratamos da origem e da natureza do cosmos. E o que é o cosmos? É simplesmente a ordem de todas as coisas. O universo representa a ordem do cosmos.

Geralmente, pensamos em universo com a perspectiva de espaço, olhando o céu à noite e vendo milhões e milhões de estrelas. É muito bom deitarmos de costas e olharmos as estrelas por horas. Assim, nosso ego desaparece, porque compreendemos como tudo é infinito. Não precisamos sair procurando um começo, pois ele está dentro de nós. Começamos a entender que, para falarmos da Lei do Tempo, precisamos redefinir a cosmologia.

A origem do universo e da vida não está no espaço; está no tempo. Quando olhamos as estrelas à noite, experimentamos o espaço infinito, e ao nos integrarmos nesse espaço, temos a possibilidade de experimentar outras dimensões. Esta é a questão-chave. A cosmologia espacial somente está lidando com a evolução na terceira dimensão, não levando em conta a existência simultânea de outras dimensões. Devemos apreciar e nos envolver com a existência das outras dimensões. A Lei do Tempo redefine a percepção e a natureza da cosmologia. O tempo é mental, e também é a quarta dimensão. Ao dizer que o tempo precede o espaço, também estamos dizendo que a quarta dimensão precede a terceira dimensão. Existem outras dimensões além da quarta, mas o cenário da nossa evolução está neste ponto, entre a terceira e a quarta dimensões.

A evolução vem das dimensões mais elevadas para as mais baixas. No mais alto nível não existe nada além da mente pura; existe o desenvolvimento do pensamento dessa mente; começa a existir o delineamento de diferentes formas, que na verdade ainda são estruturas mentais. Então, perguntamos: A mente de quem? A quem pertence esta mente? Existe uma única resposta: Ao Supremo Criador. Quando olhamos o universo, constatamos uma indescritível ordem e forma. A ciência materialista tridimensional diz que tudo aconteceu ao acaso; que simplesmente aconteceu! Do Big-bang o todo, cheio de efeitos foi colocado em movimento, e estes efeitos criaram uma grande ordem casual. Aconteceu uma estranha permutação química, criando estrelas, planetas, ou seja, a vida.

A ciência moderna diz que não existe um objetivo específico; apenas acontece... Este é um enfoque limitado, por não

levar em conta o ponto-chave: Deus, e assim a existência fica oculta em átomos ao acaso. Dessa forma, a ciência moderna se auto-limita. Ela foi construída sobre uma base infundada, mas isso não é levado em conta. O resultado deste preconceito são teorias mirabolantes. Por exemplo: Stephen Hawking, autor do livro A História do Tempo, quando convidado para avançar em suas considerações sobre o tempo, disse que antes do Big-bang o universo era do tamanho de uma ervilha que por algum motivo, resolveu explodir; assim criou-se o universo e o tempo.

Lemos que os cientistas completaram sua teoria sobre o Big-bang, e que eles agora entendem tudo sobre ela, exceto um ponto: ainda não conseguem explicar o que aconteceu no trilhonésimo primeiro segundo. Bem, se não conseguem explicar, por que eu deveria acreditar nesta teoria? Se eles não tivessem preconceitos contra Deus ou algum outro princípio mental divinamente ordenado, saberiam o que aconteceu no trilhonésimo primeiro segundo. Somente digo isso para mostrar que a ciência tridimensional é limitada e irracional. Essa irracionalidade ocorre por nunca questionarem o calendário irregular que seguem.

No Observatório Kitt Peak, um dos maiores do planeta, em Tucson, Arizona- EUA, (onde o Vaticano também tem o seu maior telescópio) existe um grande mural de mosaicos. O que estes mosaicos representam? O conceito astronômico dos Maias. Ali existe uma inscrição dizendo que os antigos Maias tinham um calendário cientificamente mais preciso que o Gregoriano. Os cientistas são tão irracionais que admitem isso, mas se recusam a adotá-lo.

Este assunto é muito importante. Estamos falando sobre a limitação da ciência tridimensional, pois ela não ter um entendimento apropriado sobre o tempo. Mesmo quando é apresentado o fato de o padrão maia ser mais científico que o gregoriano, eles não querem trocá-lo. Talvez esta seja a razão do Vaticano ter um observatório ali.

Qual a origem do universo? Bem, deve haver um ponto de inteligência. Onde existe ordem, existe um propósito inteligente. E, por existir um propósito inteligente, deve haver uma

inteligência que administra o propósito. Não sabemos o que vem a ser esta inteligência divina. Ela nos envolve em seu mistério. O processo da vida é para que entendamos isso.

Referente ao gráfico A Dinâmica do Tempo - a Evolução do Tempo como Consciência, T(E) = Arte (página 184 – Manual dos Magos da Terra - ao lado), Valum Votan disse: "Assim se parece o universo: no centro está Deus, e de lá a Mente Divina emana pensamentos aos quais nos referimos como energia. Esta energia toma inúmeras formas de evolução, em diferentes dimensões, e retorna novamente para Deus, em circulação contínua, sem início nem fim".

É um processo com diferentes estágios, e estes vêm da criação ao nível tridimensional, ou o que chamamos de massa estelar. Esta massa estelar está na condição de pré-consciência, que cria todas as formas da ordem inorgânicas. Existem duas partes: à parte menor nos referimos como domínio da potencialidade e a parte maior chamamos de domínio do tempo. Logo, a evolução do universo é realmente a evolução do tempo como consciência. Precisamos entender o princípio que envolve as estrelas. Somos apenas micro-átomos de estrelas e estamos aqui para aprender como participar da evolução de nossa estrela, o sol. Quando olhamos para o lado esquerdo do gráfico, vamos da célula inorgânica para a orgânica, e passamos da pré-consciência para a inconsciência.

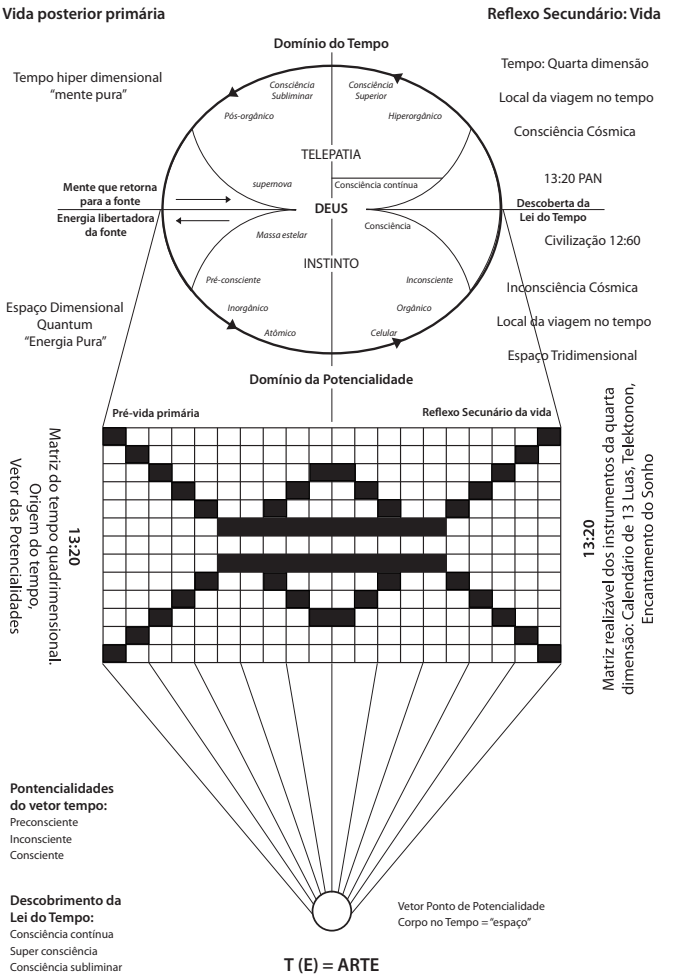
A vida é um reflexo secundário e participa da inconsciência cósmica. Ela chega ao espaço tridimensional tomando a forma humana e atinge o climax de sua evolução. Podemos dizer que através da forma humana, a inconsciência atinge sua evolução máxima. O propósito humano é passar da inconsciência para a consciência.

Chegamos ao ponto. Como tornar-nos completamente conscientes? Técnicas de meditação ou orações levam-nos da inconsciência para a consciência. Manter-se acordado e consciente é um processo evolutivo. A maneira de passarmos da inconsciência para a consciência plena é através da Lei do Tempo. Com a descoberta a Lei do Tempo, passaremos do estágio de civilização

A DINÂMICA DO TEMPO

MOSTRANDO A EVOLUÇÃO DO TEMPO COMO CONSCIÊNCIA T (E) = ARTE

CÉREBRO GALÁCTICO, ou o espectro evolutivo mosntrando o índice da progressão energia-mente das condições biológicas, atômica-celular, para condições puramente mentais do ser. T (E) = Arte



inconsciente para a condição de esporo da arte planetária. Essa é a condição de consciência cósmica coletiva, e quando chegarmos a ela cessará a evolução física, e entraremos na evolução puramente mental e espiritual. Assim, expandiremos nossa mente e sentidos para além de nós mesmos e nos integraremos completamente no processo da natureza.

Voltando ao gráfico da página 56, vemos a matriz da freqüência 13:20, refiro-me à grade do Tzolkin. Tudo o que acontece na evolução universal passa pela matriz 13:20 e desce até um ponto, que é a nossa mente.

Do ponto de vista do tempo, o espaço não é nada mais que um ponto a ser localizado em qualquer lugar, porque todo conceito de espaço e universo está na nossa mente. Cada um de nós é este ponto; um pequeno ponto; um corpo no tempo. Este é o meio de apresentar a cosmologia do tempo graficamente.

No século XVII, houve o destronamento da teologia, o que gerou o preconceito científico. Não tememos recolocar Deus de volta no centro, porque sabemos que Ele está lá, então, é melhor admitirmos isto. Mesmo que não consigamos definir Deus, sabemos que existe uma Inteligência que cria ordem, e onde existe ordem existe propósito. Qual é o propósito? É adquirir mais consciência, pelo menos para este estágio no qual nos encontramos como humanos, aqui na Terra. O objetivo é tornar-se mais consciente; manter a consciência; entender que onde estamos, justamente aqui na América do Sul, somos um pequeno ponto no planeta. Obviamente, a terra é maior que qualquer um de nós e que todos juntos. Então, encontramo-nos aqui. E, como chegamos aqui? O que estamos fazendo aqui e para onde vamos? Esta é a base por detrás da nova teologia do tempo.

Antes da Terra, o que havia aqui? Existia um pensamento. Existiam os princípios das estrelas. Elas giraram e criaram famílias, que chegaram à forma de planetas. O importante é entender que o pensamento surgiu primeiro; um pensamento que se assemelhava à vastidão azul que, antes de chegar à terceira dimensão, já existia na quarta, onde existe o sentido de tempo. Como disse, na imensidão azul havia muitas estrelas agrupadas

formando a galáxia, que é uma enorme ordem viva. Precisamos entender como somos pequeninos comparados à galáxia. Então, quão pequenos somos? Considerando a relação do átomo com a galáxia, estamos a meio caminho. Isto mantém uma perspectiva e anula o egocentrismo.

Na cosmologia do tempo encontramo-nos entre a terceira e a quarta dimensões. Atualmente, fala-se em quinta, sexta e sétima dimensões, mas, antes de alcançar a maestria na terceira e quarta dimensões, é desnecessário nos ocuparmos com as outras, exceto como pontos de referência para ampliarmos nossos horizontes. Ao tratar da quarta dimensão, falamos sobre a dimensão da mente e do tempo, podendo referir-nos ao reino da imaginação, que é tão real quanto o físico. Basta nos lembrarmos dos nossos sonhos para entender isso. Qualquer sonho que tivemos na noite passada parece ser muito real enquanto está acontecendo, e ele é mesmo real. O sonho ocorre na quarta dimensão; no reino imaginário.

A realidade virtual não é a mesma coisa que a quarta dimensão, mas é apenas um conceito, e não participa plenamente da quarta dimensão. Como disse, o reino imaginário é tão real quanto o físico. O famoso filósofo árabe, Ibn Al-Arabi, escreveu muito sobre a existência de um reino imaginário e elaborou grandes definições sobre suas características.

Descrevemos a quarta dimensão como sendo mental imaginária e precedendo a física. Não só precede, mas contém a física. O universo é vasto quando, deitados de costas, observamos as estrelas à noite, mas é pequeno quando contido na mente.

De fato, você vê um pequeno ponto, seu corpo no tempo. Seu corpo e sua mente no tempo realmente estão participando da Mente Superior, a Mente de Deus. Então, a terceira dimensão, a física, é a manifestação concreta ou a projeção da quarta dimensão. Nada do que inventamos existiu antes de um pensamento em nossa mente.

Isso é uma maneira simples de demonstrar que o pensamento

precede a manifestação, a mente precede a matéria e que o tempo precede e contém o espaço. Einstein disse que o tempo é a quarta dimensão, mas ele não tinha nenhuma informação além desta. Para ele não estava claro o que é o tempo. A quarta dimensão do tempo é uma qualidade que não pode ser medida por instrumentos espaciais. Einstein não sabia que os instrumentos científicos simplesmente medem o espaço. E mesmo os instrumentos que pensava medirem o tempo (os relógios), nada mais são que medidores do espaço. Por esta razão, Einstein nunca chegou realmente à teoria do campo unificado. Brilhante como era, compreendeu a sua tragédia, especialmente depois da bomba atômica, e passou o resto da vida em anonimato, até sua morte em 1955. É curioso que em seus últimos dias, quem cuidou dele foi sua irmã, cujo nome era Maia. Talvez no final, ele teve alguma intuição. Isso indica que a Lei do Tempo faz uma profunda crítica à civilização e à ciência modernas.

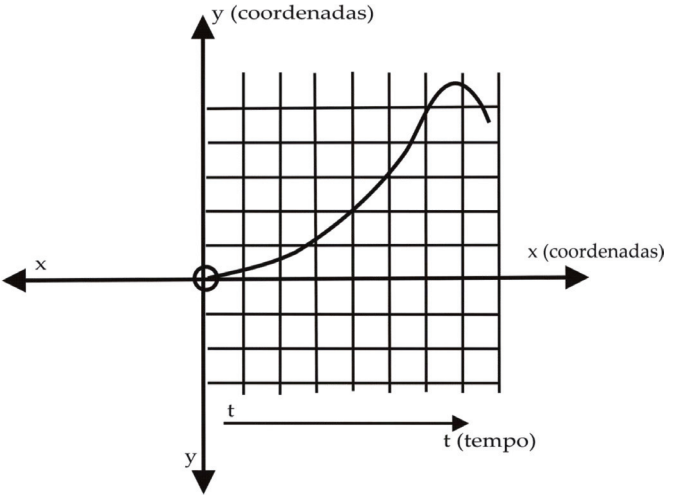
Descartes e a Linearidade do Tempo

A ciência moderna traça a realidade como uma grade cartesiana, onde temos as coordenadas X, Y e o tempo representado por uma linha curva. Este é todo o paradigma da ciência moderna. Descartes inventou a grade cartesiana e, curiosamente chegou a ela quando estava na cozinha e viu uma mosca. Pensou: Como posso pegar esta mosca? Na mente visualizou uma rede e disse: Se tivéssemos uma grade como esta, poderíamos traçar o movimento da mosca e chegar a ela. Esta é a base da ciência moderna. A questão é o tempo sempre escrito com um pequeno "t" representado por uma linha que se move na direção horizontal e para a direita embaixo na grade.

Do ponto de vista da Lei do Tempo, esta grade realmente é muito imprecisa. Assim, a ciência tridimensional procura as origens no espaço e, não entendendo a quarta dimensão, rejeita a existência de Deus e cria a ciência de Frankenstein. Sem Deus, os cientistas acham que são deuses; de outra maneira, não clonariam ovelhas ou produziriam alimentos transgênicos, sem

nenhuma consciência dos verdadeiros efeitos dessa interferência nas leis da natureza. Ao mesmo tempo, vemos que a ciência tridimensional do espaço é baseada na matemática da imperfeição, sempre olhando as pequenas frações finais e interpretando-as para dizer que não existe harmonia.

Isto cria o materialismo incessante. Devido à ciência ser totalmente baseada no físico e no espacial, os cientistas assumem a autoridade de Deus e a sociedade confirma esta autoridade. Assim, os cientistas são os grandes sacerdotes do materialismo. Qualquer idéia científica só tem valor, se considerada em termos de como ela pode ser aplicada para se tornar mais vantajosa ou lucrativa. Como efeito temos o círculo vicioso do materialismo e a imagem da ciência sem o conceito do tempo ou de Deus, que traça seus caminhos inconscientes, baseados num calendário de medidas irregulares. Tudo isso sustenta um processo onde o propósito é absorver e utilizar grandes quantidades de recursos naturais, como demonstração da superioridade tecnológica e das idéias e métodos da ciência. Logicamente, estamos descrevendo o quadro de maneira filosófica e abstrata, mas ele, de fato, traz consequências sociais. A tecnologia e o método de manipulação dos recursos naturais criam a sociedade industrial.



A Origem das Máquinas e A Mecanização do Pensamento

Vejam todas estas máquinas. De onde vieram? Qual a sua origem?

Algo que poucas pessoas sabem é que, no século XII, Bagdá era o centro de informações do planeta. A maior indústria era a de livros que, logicamente, eram artesanais. Isso gerava empregos. Foram criadas livrarias, e produzidos tantos livros, como o que é produzido atualmente em Nova York. Dentre estes livros havia uma enciclopédia que continha os diagramas e desenhos de mais de 300 máquinas e, curiosamente, nenhuma delas foi construída. As pessoas que idealizavam essas máquinas mantinham-nas no imaginário. Consideravam que não tinha valor algum construí-las. A criação destas máquinas era considerada um exercício da imaginação, mas a idéia de torná-las realidade na terceira dimensão nunca foi cogitada, porque elas poderiam desvalorizar a vida humana.

Existe a história de Haroun Al-Rashid, o califa de Bagdá na época de Carlos Magno. Quando soube que Carlos Magno foi coroado novo imperador de Roma, quis honrá-lo, mandando-lhe muitos presentes, inclusive um brinquedo. Que brinquedo era este? Um relógio desenvolvido pelos sábios da corte como passatempo, mas que tinha pouco valor para Haroun, porque não tinha alma. Mas, na corte de Carlos Magno, o relógio caiu nas mãos de monges cristãos, que eram fascinados por este mecanismo e dele foi desenvolvido o relógio moderno. Esta, realmente, foi a primeira máquina.

Vamos entender: O que é o relógio? O que ele faz? Ele "tirou" o tempo da quarta dimensão e o mecanizou na terceira. Foi um momento extremamente crítico na história da humanidade, pois, uma vez que o tempo foi mecanizado, existia uma fórmula para se criar relógios com medidas absolutamente precisas. Assim, tornou-se possível a construção de máquinas. Isso se passou em 1582, na mesma época em que o Papa Gregório XIII fez a reforma do Calendário Gregoriano.

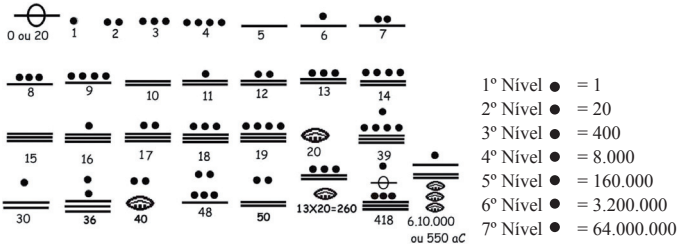
No momento em que o tempo foi mecanizado, a imaginação perdeu seu poder, ou melhor, a imaginação perdeu seu valor na vida moderna. Depois disso, foi fácil proceder a revolução científica, a revolução industrial, o destronamento da teologia. Nessas circunstâncias, a sociedade marginalizou cada vez mais o artista. E, devido ao desregramento, houve necessidade de se criar a psicanálise.

A Matemática Vigesimal Holonômica

Anteriormente, fiz referência à ciência do espaço tridimensional e à matemática da imperfeição. Devido a essa matemática é que existe o materialismo descontrolado. Quando falamos sobre a ciência do tempo quadridimensional, falamos sobre a matemática da perfeição holonômica. Einstein não sabia da existência dessa matemática totalmente diferente. A matemática do espaço é basicamente decimal, o que significa ser baseada no número 10. Por que isso a torna imperfeita? Porque tenho 20 dedos nas mãos e nos pés. O decimal (10) é somente a metade dessa conta. Na civilização moderna é confortável calçarmos sapatos, mas não existe razão para olharmos desgostosamente para nossos pés descalços. Devemos levar em conta os dedos das mãos, assim como os dos pés, se quisermos ser um humano perfeito. Esse ponto é tão óbvio quanto sutil. A matemática do todo, ou holonômica, é baseada no número 20, e dela Einstein não tinha conhecimento.

Em virtude da mentalidade tridimensional dominante, até mesmo os arqueólogos, sabedores de que os Maias usavam a conta do 20, não conseguem ver nela mais que uma aberração indígena. Isto é muito similar ao mural no observatório de Kitt Peak. Mesmo sabendo que o Calendário Maia é mais científico que o Gregoriano, ele é considerado outra aberração indígena, sem nenhum valor para o mundo moderno. Todavia, a Lei do Tempo demonstra outra coisa. A conta do 20 corresponde à matemática da totalidade. E, prova disso é que nossa forma biológica tem 20 dedos em mãos e pés.

Esta matemática é totalmente visual e holística, sendo representada pela notação holonômica de pontos e barras. É muito diferente ver um ponto ou o número 1; dois pontos ou o número 2. Os números modernos 1-2-3 são conceituais e literais, enquanto que as notações ponto e barra são visuais e holonômicos. Para 1 se escreve um ponto; para 2 são dois pontos; 3 são três pontos; 4 são quatro pontos; depois 5 é uma barra; 10 são duas barras. Para escrever o 6 usamos um ponto acima de uma barra. Para o 7 dois pontos acima de uma barra. 10 são duas barras; 15 são três barras. O número 20 é escrito com um ponto acima do zero. Curioso é que os Maias já usavam o zero antes de ele ser conhecido no Velho Mundo. Por exemplo: 21 é escrito com um ponto acima de outro ponto (o ponto inferior vale um e o ponto no nível superior vale 20). O número 39 é escrito com 19 na linha inferior e um ponto, que equivale a 20, no nível superior. 40 é escrito com dois pontos no segundo nível, acima do zero no primeiro nível, e continuando até chegar a 400, que é escrito com um ponto no terceiro nível, um zero no segundo nível e outro zero no primeiro nível. Portanto, um ponto no primeiro nível é igual a 1; um ponto no segundo nível é igual a 20; um ponto no terceiro nível é igual a 400; um ponto no quarto nível é 8000 e um ponto no quinto nível é igual a 160.000. Esta é a demonstração da matemática do tempo e da quarta dimensão, usada pela civilização Maia. Logicamente ela é muito diferente, e em nada se parece com a do espaço tridimensional.



Como mencionamos, os Maias eram os mestres do tempo. Esta civilização se estabeleceu no Novo Mundo, mais precisamente na América Central na península do Yucatán/México e onde hoje é a Guatemala; uma pequena área se comparada ao planeta. No Velho Mundo os calendários eram lunares. Podemos dizer que o Velho Mundo é o mundo da noite e o Novo Mundo é

o do dia. O Velho Mundo está totalmente baseado na matemática decimal, enquanto, no Novo Mundo a civilização Maia desenvolveu a matemática vigesimal, e com ela estava apta a fazer cálculos astronômicos e um calendário extraordinário.

Em alguns sítios maias, existem datas que parecem voltar no tempo cerca de 400 milhões de anos, ou até 25 bilhões de anos atrás. Naturalmente isto é um grande quebra-cabeça para os arqueólogos e cientistas ocidentais. Como esse povo que vivia praticamente na Idade da Pedra, sem metalurgia ou o desenvolvimento de qualquer outra tecnologia refinada, usava uma matemática tão desenvolvida? Que eventos do passado remoto eles queriam relembrar, e por que relembrariam esses eventos? Seriam somente momentos mitológicos ou existiria uma razão científica?

Como já dissemos, os Maias usavam mais de dezessete calendários. Então, concluímos que em termos de desenvolvimento mental, nenhum outro povo atingiu tal grau de sofisticação referente ao conceito do tempo e da matemática. Ao que parece, esta civilização chegou ao apogeu do seu desenvolvimento, no período de 435 e 830 da Era Cristã. Esta foi a época em que as maiores construções e monumentos alusivos ao tempo foram edificadas. Tão misteriosa como é a ciência do tempo e o

conhecimento calendárico dos Maias, tão estranho é o fato da repentina cessação das atividades, no ano de 830 d.C., quando monumentos ao tempo deixaram de ser erigidos. Os maiores centros pareciam abandonados e a civilização maia clássica chegou ao fim. Cerca de 150 ou 200 anos depois, houve um renascimento maia, mas com uma forma cultural muito diferente.

A característica mais marcante da renascença maia, em relação ao período conhecido como maia clássico, foi que as inscrições de todas as grandes datas, em pedras, não tiveram continuidade. Em vez do que hoje é conhecido como conta longa, a renascença maia (ou os Toltecas), simplesmente, manteve a contagem de pequenos ciclos de 20 e de 52 anos, e os ciclos Ahau de 256 anos (N.T: 256 anos solares = 260 Tuns). Não pretendo entrar em detalhes da matemática ou da história maias atual, a não ser para responder de onde esses conhecimentos do tempo e da matemática vieram.

Quando os espanhóis chegaram ao Yucatán/México e à Guatemala, no século XVI, os Maias/Toltecas ainda estavam florescendo. Logicamente, os espanhóis fizeram de tudo para exterminar estes povos; principalmente sua cultura e seu conhecimento. No final do século XVII (em 1697), aos Maias não era permitida nenhuma organização política, e eles foram absorvidos pela nova cultura colonial. Naturalmente, em algumas áreas remotas, as antigas tradições foram mantidas. Assim, grande parte da sabedoria e da cultura maia, caiu no esquecimento.

Somente no século XIX, curiosos, viajantes e arqueólogos descobriram alguns templos e cidades antigas nas florestas. Em sua maioria, mesmo os maias contemporâneos pouco sabem sobre esses sítios. Para os europeus e ocidentais do século XIX, a descoberta dessas ruínas excitou a imaginação, tanto é que elas foram ligadas aos impérios perdidos da Atlântida e da Lemúria. Tudo isso é muito curioso. A pergunta do século XX é: por que os Maias desapareceram e como possuíam uma matemática tão desenvolvida? A maioria dos arqueólogos é fascinada por essas questões, mas não tem em mente ampliar as perspectivas. Para eles, o entendimento é que tudo foi uma aberração mental; uma corrente evolutiva que não levou a lugar algum.

Envolvi-me neste processo desde criança e pelo resto da vida. Em 1987, compilei minhas primeiras considerações no livro chamado: O Fator Maia - Um Caminho Além da Tecnologia. Decidi estudar, seriamente, a matemática e a mensagem que a civilização Maia deixou.

Olhando para este planeta, fico fascinado pela simetria radial e bilateral. Temos os pólos norte e sul; os hemisférios norte e sul; o Velho Mundo no oriente e o Novo Mundo no ocidente. Sinto haver uma correlação holonômica entre o Oriente, o hemisfério cerebral esquerdo e o Velho Mundo, bem como entre o Ocidente, o Novo Mundo e o hemisfério cerebral direito.

Em torno do planeta, realmente existe um cérebro ou mente planetária, que tem funções como o hemisfério esquerdo e direito do cérebro. Como sabemos, o hemisfério cerebral esquerdo é, supostamente, o analítico, técnico e racional, coordenando o lado direito do corpo, enquanto que o direito é associado à intuição, às artes, ao misticismo e coordena o lado esquerdo do corpo. Se prestarmos atenção, veremos que o Velho Mundo desenvolveu uma forma peculiar de conquistar o Novo Mundo, e analogamente dizendo: atualmente o lado esquerdo do cérebro controla o lado direito. Assim, atualmente as faculdades técnicas, racionais e analíticas dominam as intuitivas, artísticas e místicas. Sabemos que se isso realmente acontecer biológica ou fisiologicamente, estaremos caminhando para um suicídio.

De fato, a civilização Maia conhecia o fator maia, que chamamos de fator perdido na história. Se o reouvéssemos, também poderíamos reconectar nosso cérebro. Esta é a questão, a sabedoria, a ciência e a matemática Maia. O conhecimento da ciência do tempo é necessário para fazer da nossa mente um todo e, também, para tornar nosso corpo e nossa fisiologia unificados. Isso se refere à holonômica dialética do Velho Mundo/Novo Mundo; cérebro esquerdo/cérebro direito. Representa uma importante consideração para entendermos quem somos e, por que estamos aqui, fazemos parte de todo o sistema. Se negarmos qualquer parte, terminaremos nos aniquilando. Assim, podemos interpretar esta metáfora em diferentes níveis. O ponto mais importante é que, negando a sabedoria Maia, limitamo-nos a pensar no tempo como o pequeno "t" da grade cartesiana.

O mais curioso sobre os Maias é que eles tinham uma compreensão da história como um todo, usando o Ciclo dos 13 Baktuns, ou Grande Ciclo. O Baktun é da quinta ordem matemática, com 160.000 por unidade de valor; é a conta absoluta. Existe outra ordem que é a do tempo. Em vez de se contar até 400, na terceira ordem, conta-se até 360, que é 18 x 20. Então, nesse caso, a quarta ordem não é 8000, mas sim 7200. E a quinta ordem que achamos no "Livro das Revelações", é 144.000. Realmente é intencional que um Baktun seja igual a 144.000 dias.

Os Maias viram que toda a história poderia ser mapeada pela Matriz do Tempo 13:20. Assim, temos 13 Baktuns; cada Baktun com 144.000 dias e subdividido em 20 ciclos menores chamados de Katun, com 7.200 dias. Observamos que num ciclo de 13 Baktuns existem exatamente 260 Katuns. Katun significa: conta do 20; Ka ou Kal é 20.

Então, como o 260º Katun começou em 1993 e terminará em 2012, podemos saber, exatamente onde estamos.

Na contagem maia este ciclo de 13 Baktuns começou em 3.113 a.C., sendo conhecido como o ciclo da história. Estamos muito próximos do Solstício de Inverno (no hemisfério norte) de 2012, que é a verdadeira conclusão do milênio. O ano de 2000 foi o encerramento do falso milênio do Calendário Gregoriano e não está registrado na conta longa. Este é o motivo pelo qual estamos aqui, fazendo o que precisa ser feito.

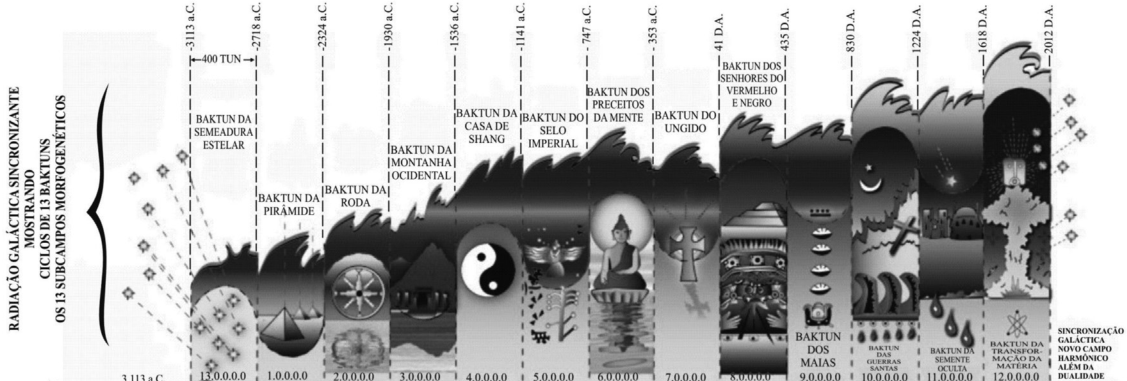
O desaparecimento dos Maias Clássicos ocorreu no final do décimo Baktun. Então, ainda faltavam três Baktuns para o final da contagem. Como dito anteriormente, os Maias sabiam que a contagem começou, precisamente, em 3.113 a.C., e que o final do ciclo de toda história deve ocorrer no Solstício de Inverno (hemisfério norte) de 2012. O que significa isto? Observemos: os Maias desapareceram no final do décimo Baktun. No décimo segundo Baktun ocorreu a conquista do seu território pelos espanhóis, e ao final deste mesmo Baktun, os remanescentes maias foram exterminados. Doze Baktuns vezes 144.000 dias perfazem 1.728.000 dias. Significa que muitos dias haviam-se passado desde o começo do Ciclo de 13 Baktuns e que, quando o décimo terceiro e último Baktun começou, foi o ano de 1618.

Este décimo terceiro Baktun foi o ciclo do triunfo absoluto do materialismo e as civilizações indígenas foram exterminadas, ou foram dominadas por outras culturas.

A Revolução Científica começou exatamente em 1618. Depois de 100 anos, ou cinco Katuns, começou a Revolução Industrial, chegando, finalmente ao ponto onde estamos hoje: nos últimos dias antes do encerramento do ciclo. Ao todo, este ciclo de 13 Baktuns foi de 5125 anos solares. Agora é o verdadeiro fim do milênio.

Entendemos o conceito do novo milênio como o advento do paraíso na terra. Observem: um Baktun tem 144.000 dias, e no Livro das Revelações temos a primeira menção a este número no capítulo 7, verso 4. Por que digo que os números 7 e 4, das Revelações são importantes? Quando escrevemos o 144 em notação vigesimal, escrevemos 7(x 20) que é 140, mais 4 dá 144, e quando transformamos isto para a linguagem convencional, escrevemos 7.4. Isso é mais que uma coincidência. Os maias foram os Mestres do Tempo e pelos seus conhecimentos das freqüências do tempo e dos ciclos, eles estavam sintonizados com diferentes correntes proféticas. Qualquer profecia tem a ver com o tempo.

Se ouvirmos os historiadores e arqueólogos ocidentais, eles dirão que a história começa em torno de 3.100 a.C. A ciência Maia confirma isto, mais precisamente em 3.113 a.C. Vocês poderão ler e estudar mais a esse respeito no O Fator Maia. Ele mostra um tipo de conhecimento matemático diferente. Como dissemos: tudo no universo é criado com forma e medida, o que também corresponde e inclui a história. O ciclo de 13 Baktuns apresentado é somente um mini fractal do tempo. Os maias sabiam que existe um ciclo de 26.000 anos, no qual estes 13 Baktun representam somente um quinto; o último quinto deste ciclo de 26.000 anos.



CICLOS DE 260 KATUN
CORPO DE LUZ DE GAIA COM 52 UBIDADES

3 113 a.C.	13.0.0.0.0	1.0.0.0.0	2.0.0.0.0	3.0.0.0.0	4.0.0.0.0	5.0.0.0.0	6.0.0.0.0	7.0.0.0.0	8.0.0.0.0	9.0.0.0.0	10.0.0.0.0	11.0.0.0.0	12.0.0.0.0	SINCRONIZAÇÃO GALÁCTICA NOVO CAMPO HARMÔNICO ALÉM DA DUALIDADE
DRAGÃO	URUK MENÉS	ZOSER, EGITO CALENDÁRIO	SARGÃO	HABRAÃO	DINASTIA CHANG CHINA	REI WEN	GREGOS	ALEXANDRE	IMPÉRIO	A GUERRA DE ROMA	BOROBADUR	GÓTICA	DESCARTES	NETUNO
VENTO	KILNS	A GRANDE PIRÂMIDE	BABILÔNIA		AKENATON	DINASTIA CHOU	KUXITAS	CELTAS	ROMANO	BIZÂNCIO		EUROPA	MATERIALISMO	URANO
NOITE	SUMÉRIA UNIFICADA	GISÉ		CRETA	IMPÉRIO	CHINA		ASOKA	TEOTIHUACAN	ASCENSÃO DOS	VIKINGS	MONGÓIS	CIENTÍFICO	SATURNO
SEMENTE	EGITO				HITITA	REI DAVI, JERUSALÉM	NÍNIVE	EXPANSÃO DO BUDISMO		CLÁSSICOS	JAPÃO HEIANO	KUBLAI-KHAN	DINASTIA CHING	JÚPITER
SERPENTE	ANTIGO		CARRO DE	EGITO:RAINHA	THERA TERRAMOTO		PTÁGORAS	ZAPOTECAS		MAIAS	CHIMU	MAIAPAN	NEWTON	ASTERÓIDES
ENLAC. DE MUNDOS	IMPÉRIO		GUERRA	HATSHEPSUT	OLMECAS	VÉDICA	RECONSTRUÇÃO DE BABILÔNIA	DINASTIA CH'IN	NAZCA	BUDISMO NO JAPÃO	XOCHICALCO	ASTECAS	MÚSICA BARROCA	MARTE
MÃO				VALE DOS	CHAVIN	CIVILIZAÇÃO		HUANG-TI	GERMÂNICAS	TIKAL	CE ACATL	PESTE NEGRA	REVOLUÇÃO	TERRA
ESTRELA			EGITO	REIS		ÍNDIA	LAO TsÉ	TARDIOS	INVASÕES	PAPA GREGÓRIO	TOPILTZIN QUETZALCOATL	INCAS	INDUSTRIAL	VÊNUS
LUA	HIERÓGLIFOS	ACAD	IMPÉRIO DO MEIO				IMPÉRIO	MAIAS	MOCHE	MAOMÉ	ASCENSÃO DOS	MAGHAL/ÍNDIA	AMERICANA E	MERCÚRIO
CACHORRO		UR			JADE	CAVALO DE GUERRA	PERSA	HAN		PALENQUE	TOLTECAS	TURCOS OTOMANOS	REVOLUÇÃO FRANCESA	MERCÚRIO
MACACO	CUNEIFORMES				REI TUTI		BUDHA MONTE ALBAN		FIM DA	PACAL VOTAN	MAIAS		ROMANTISMO	VÊNUS
HUMANO		HARAPA			RAMSÉS		CONFÚCIO	DINASTIA	DINASTIA HAN		I'FE	DINASTIA MING	EUROPEU	TERRA
CAMINHA. DO CÉU		CIVILIZAÇÃO	Kin 53		ASSÍRIA	JERUSALÉM		TEOTIHUACAN	TIAHUANACO	COPAN	ANGKOR WAT		IMPERIALISMO	MARTE
MAGO		ÍNDIA	ZIGURATES				PLATÃO	ASCENSÃO DE ROMA		HIEROGLÍFICA ESCADA	ASCENSÃO DE ROMA	QUEDA DE CONSTANTINOPLA	ELETRICIDADE	ASTERÓIDES
ÁGUIA				CAVALOS			CHANG TsÉ			EXPANSÃO DO ISLÃ	CRUZADAS	IMPRENSA CONQUISTAS	REVOLUÇÃO RUSSA	JÚPITER
GUERREIRO			BRONZE	ÁSIA CENTRAL	VEDAS	LA VENTA	ZOROASTRO	A GRANDE MURALHA	CONSTANTINO		BUDISMO NO	DO MÉXICO,PERU	GUERRAS MUNDIAIS	SATURNO
TERRA			TECNOLOGIA	HITITAS		ASSÍRIOS		DA CHINA	BUDISMO NA	DINASTIA T'ANG	TIBETE	EXPLORAÇÃO EUROPEIA	HIROSHIMA	URANO
ESPELHO			MENUHOTEP	IMPÉRIO	FENÍCIOS	FERRO	BANTÚ, ÁFRICA OCIDENTAL		CHINA	CULTURA DO MISSISSIPI, BAGDÁ	DINASTIA SUNG	BENIN	TECNOLOGIA NUCLEAR E ESPACIAL	NETUNO
TORMENTA	STONEHENGE	PIRÂMIDE	CÓDIGO DE LEIS DE UR-NAMU	EGÍPCIO	MICÊNICOS	ARMAS E	GUERRA DO PELOPONESO	JÚLIO CESAR	DINASTIA GUPTA ÍNDIA	PADMASAMBHAVA	RÚSSIA/KIEV	RAINHA ELIZABETH	CONVERGÊNCIA HARMÔNICA	PLUTÃO
SOL	GILGAMESH	TEXTOS	HAMURABI	OS ÁRIAS INVADEM A ÍNDIA		MÁQUINAS DE GUERRA	ARISTÓTELES	CRISTO		CARLOS MAGNO	ZIMBABWE	GALILEU KEPLER	REGENERAÇÃO DA TERRA	PLUTÃO
BAKTUN #														2 012 D.A.

MOVIMENTO DE INALAÇÃO SOLAR

MOVIMENTO DE EXALAÇÃO GALÁCTICO/LUNAR

Descoberta das Freqüências de Tempo 12:60 e 13:20

Em Alfa 26 da Lua Harmônica do Pavão, Kin 121 Dragão 4, ano da Semente 10 (10.12.1989), estávamos no Museu do Tempo, em Gênova, onde passamos muitas horas. Ficou evidente que este nome não era apropriado. Deveriam chamá-lo de "Museu do Tempo Mecanizado".

Pelo fato de estarmos vivenciando os ciclos da freqüência do Tempo 13:20, temos uma unidade de medida padrão. Foi só darmos uma olhada no museu, para entendermos que o mundo moderno estava operando numa freqüência artificial. Embora ainda não nos tivéssemos dado conta até que nível estava vivendo o 13:20, ali isso ficou claro. Este foi o começo da descoberta da Lei do Tempo.

Somente por vivermos na freqüência 13:20, tornamo-nos aptos a identificar a freqüência do tempo artificial, o irregular 12:60, com um calendário de 12 meses e a hora de 60 minutos. A diferença entre estes dois fatores de tempo, que ninguém havia notado antes, é toda a base da civilização moderna. O décimo terceiro Baktun foi completamente capturado pela freqüência de tempo 12:60, e por esta razão, o mundo moderno se desenvolveu desta maneira.

Existem diversas maneiras de olharmos para este problema, mas a principal, é que os seres humanos modernos são alienados em relação à natureza e essa alienação ocorreu devido ao surgimento das máquinas. Estamos completamente dependentes da tecnologia das máquinas. O ponto culminante da nossa civilização é dotar cada ser humano de uma máquina que pode ser: Toyota, Chrysler ou Mercedes. Com estas máquinas o ser humano pode viajar, visitar prédios que também estão repletos de máquinas, ou trabalhar com elas, independente de ser uma máquina agrícola ou um computador. Passando de uma máquina à outra durante todo o dia, ele dirige sua máquina de volta

para casa e liga a TV. Esta é a vida moderna numa visão antropológica. Todos parecem cair nessa armadilha. A razão de os seres humanos irem e virem, passando de uma máquina à outra, é porque recebem um crédito artificial chamado dinheiro, que serve para pagar as suas máquinas, ou outro tipo de diversão, também vinda através de uma máquina.

Esta é a descrição da vida social moderna, globalizada. Mesmo a vida parecendo ser mais confortável com o uso das máquinas, elas realmente deturpam nossos sentidos, inibindo a intuição e a telepatia. Cada vez que você olha no relógio para ver as horas - e no mundo moderno é impossível não fazê-lo, você está dando preferência à máquina em vez de usar sua intuição.

Então, a crise planetária a que as pessoas se referem, é o efeito de todo este sistema de erro no tempo. Ele causa a destruição da biosfera e transforma os seres humanos em verdadeiros robôs. Nesta era da industrialização, o que vemos realmente são seres humanos correndo cada vez mais. Assim, assemelham-se aos computadores com seus gigabytes, fazendo milhares de cálculos por segundo. Por que correm tanto? Porque as máquinas não têm muita durabilidade e alguém precisa sempre produzir máquinas ainda melhores.

Uma máquina melhor funciona ainda mais rápido, e com esta rapidez cresce a importância do dinheiro. Há anos atrás apareceu, nos EUA, uma revista com o nome de Money. Quando a vi, pensei: Por que alguém leria uma revista sobre dinheiro? Se fosse: Psicologia Hoje, tudo bem, mas, Dinheiro? Atualmente, chegamos a um jornaleiro no aeroporto e encontramos seis ou sete revistas como aquela. Isto é devido à filosofia 12:60 que fala: Tempo é Dinheiro. Vendemos nosso tempo por dinheiro. Todas as máquinas fazem parte da especulação do mercado para gerarem mais dinheiro.

Isto é horrível e, do ponto de vista da Lei do Tempo, cria a situação do dia do julgamento, que ocorre quando o ser humano se desvia da ordem natural, a ponto de não conseguir avaliar as consequências cármicas dos seus atos.

Mesmo todo mundo dizendo que as florestas estão desaparecendo, ninguém impede que isso continue acontecendo. Sei que algumas pessoas dariam a vida pela preservação do planeta, mas seus esforços são impotentes diante do completo encapsulados humano no tempo artificial.

Qualquer profecia tem a ver com o tempo, logo, a profecia do dia do julgamento tem a ver com o desvio humano do tempo natural. Os Maias sabiam do dia do julgamento, devido à conta de 144.000 dias dos Baktuns. Também sabiam que agora é a época apropriada para a descoberta da Lei do Tempo, e ela tem uma aplicação prática: o Sincronário 13 Luas de 28 dias. Este é o ponto-chave, portanto, ele é muito mais do que um simples calendário.

Capítulo 4

Aplicação / Transformação

O Sincronário de 13 Luas é a aplicação que transforma. Como já comentado, anteriormente dizemos que o tempo é mental, e que seguindo o Sincronário de 13 Luas haverá uma reformulação completa da mente humana. Ao perguntarmos: Quando é o Natal? É no dia 25 de dezembro! Isso é registrado como um programa em nossa mente e em nosso sistema nervoso. Ouvimos os nomes de alguns meses que logo nos remetem a várias lembranças, como as canções: Abril em Paris ou Setembro na chuva, que ficaram gravadas na nossa mente. Estas canções são antigas, talvez os jovens nem as conheçam. Pesquisem sobre os festivais de cinema dos anos 50 e procurem por personalidades esquecidas, como Fred Astaire, para entender do que estou falando. Realmente é impossível lembrar-se de certos eventos, sem associá-los a determinadas datas do Calendário Gregoriano. Não conseguimos pensar em tempo sem nos lembrarmos desse calendário. Só assim percebemos quão profundamente ele foi absorvido e integrado pela nossa mente. Em 25 de fevereiro os cientistas encontraram vestígios de dinossauros, que viveram há 160 milhões de anos. Eles realmente pensam que o universo é codificado pelo Calendário Gregoriano, e não entendem que isso é apenas uma projeção da sua mente. Então, quando dizemos que o Sincronário de 13 Luas é uma reformulação da mente humana, sabemos o que isto significa.

Quanto tempo levará para eliminarmos esse paradigma da nossa mente? Seria ótimo se fossemos como os computadores. Procuraríamos pelo título: calendário gregoriano na nossa tela mental, e o deletaríamos. Depois, seria só instalar o novo programa. Estamos falando de um novo software para o computador humano, em substituição ao antigo. Somente se reformularmos a nossa mente ocorrerá a próxima etapa evolutiva. Apesar dos esforços dos Grandes Mestres: Buda, Cristo, Maomé, São Francisco, Mahatma Gandhi, Martin Luther King, não alcançamos a paz, porque este antigo programa está arraigado em nossa mente. Se quisermos a paz, devemos achar onde está a tecla "delete", para apagarmos o antigo programa e estarmos prontos para dar o próximo passo. Somente suprimindo o antigo padrão, conseguiremos reformular a mente humana e avançar para o novo estágio!

Como demonstramos através da descoberta da Lei do Tempo, este próximo estágio evolutivo é entrar plenamente na consciência cósmica, que representa a compreensão de uma ordem mais elevada da realidade. Não podemos acessar esta nova ordem, sem deixarmos para trás esta civilização e irmos a um novo lugar. Tudo o que temos feito até agora foi nos arrastarmos sem nunca nos tornarmos completamente conscientes. Ainda não se realizou a visão da iluminação completa, a visão de estarmos preenchidos pela graça de Deus, a visão de sermos unos com a natureza e nos comunicarmos com os animais. Atualmente, as pessoas estão envolvidas no ciclo da história, ou dos 13 Baktuns. Durante esse ciclo vemos a progressão da complexidade da ordem social humana. O que é esta complexidade? De maneira geral, isso representa o abandono da confiança na Ordem Divina.

Em vez de confiarmos na Ordem Divina, confiamos nas leis humanas, que são falhas, e conseqüentemente torna-se necessário promulgar mais e mais leis. Pensamos que é um avanço da civilização criar governos compostos por pessoas, cuja única responsabilidade é fazer mais leis. Ano após ano, em todas as nações, estas assembléias se reúnem para estabelecer mais leis. A cada nova invenção, é editada uma nova lei. É muito complicado. Se as leis são arbitrárias e falíveis, então, o sistema de justiça que

as executa, também está propenso à mesma falibilidade. Assim, temos muitos casos de pessoas que são presas por crimes que não cometeram, ou por desobediência as leis, que são incoerentes. Na verdade, a Justiça se baseia numa legislação injusta, que do ponto de vista da Lei Divina é ilegal.

Devido ao uso do Calendário Gregoriano, nossa mente foi aprisionada e aceitou inconscientemente o sistema de tempo artificial, a que nos referimos como 12:60. Precisamos entender que 12:60 é uma freqüência de tempo que vibra no inconsciente, e afeta nossos pensamentos. Assim, chegamos ao final dos 13 Baktuns, cujo propósito foi aplicar uma espécie de teste no livre-arbítrio humano. Se Deus quisesse, Ele poderia ter preparado nossas mentes, para que nunca nos desviássemos da Lei Divina. Mas Deus, carinhosamente disse: "Não serei fascista, obrigando-os a seguirem a Minha Lei. Deixarei vocês decidirem. Se Eu tentasse programar suas mentes, vocês não reconheceriam seu ego. Provavelmente, chegariam da mesma forma como chegarão ao final dos 13 Baktuns. Mas, só assim poderão alcançar um novo estágio de aprendizado".

Podemos entender como chegamos até aqui? E se entendemos, poderemos dar o próximo passo para sair desta situação? O Sincronário de 13 Luas é o programa e o software mais simples a ser implantado no "biocomputador", para redirecionar a consciência humana. Mas, para introduzi-lo, precisamos deletar o antigo; de outra maneira não chegaremos a lugar algum, só ficaremos mais confusos.

Todos nós conhecemos essa confusão porque, num nível maior ou menor, seguimos o Sincronário de 13 Luas e somos torturados por vivermos numa sociedade 12:60, com suas aflições neuróticas e problemas.

Ao passarmos para um novo estágio evolutivo falamos sobre a consciência cósmica plena, que representa uma ordem mais elevada. Vamos nos focar na palavra "ordem", pois estamos considerando o Calendário Gregoriano como a velha ordem e o Sincronário de 13 Luas como a nova ordem.

Na verdade, o Calendário Gregoriano não tem nenhuma ordem, se pensarmos em proporção, medida e forma. Mas, em contrapartida, o Sincronário de 13 Luas tem ordem, forma e medida. Esta é uma demonstração simples e clara sobre o que significa ordem e desordem. No Calendário Gregoriano observamos que todos os dias extras, depois do 28º de cada mês, perfazem a 13ª Lua, mais o dia Fora-do-Tempo do Sincronário 13 Luas. Logo a ordem do Gregoriano está escondida tornando-o totalmente confuso. Podemos dizer que este calendário é a forma final, que captura e deforma a mente humana levando-a, ironicamente ao Dia do Julgamento. Falei ironicamente, porque ele é considerado um calendário cristão. Portanto, através do Sincronário de 13 Luas estamos reformulando nossa mente. É algo muito mais coerente... Então, vamos deletar, definitivamente o Calendário Gregoriano e colocar nossa mente completamente na nova ordem. Assim, somente usaremos as datas gregorianas como referencial.

JANEIRO						
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

ABRIL						
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

JULHO						
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

OUTUBRO						
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

O Calendário de doze meses como Calendário Gregório, instituído em 1582 pelo Papa Gregoriano XIII, em sua forma irregular de dispor os dias, esconde uma lua, ou seja um novo mês mais um dia (o 365º) que é livre cada ano.

FEVEREIRO						
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28

MAIO						
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

AGOSTO						
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

NOVEMBRO						
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

LUA ESCONDIDA						
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28

= 28 DIAS
+
1 DIA LIVRE

MARÇO						
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

JUNHO						
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

SETEMBRO						
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

DEZEMBRO						
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Setembro – *se refere ao sétimo mês e esta no nono.*
Outubro - *se refere ao oitavo mês e esta no décimo.*
Novembro - *se refere ao mono mês e esta no décimo-primeiro.*
Dezembro - *se refere ao mês dez e esta no décimo-segundo.*

O Sincronário de 13 Luas é uma ordem superior em relação à desordem do Gregoriano. O tempo é mental, e desde que queiramos reformular nossa mente de acordo com a harmonia da nova ordem, devemos adotar conscientemente o Sincronário de 13 Luas. Assim, chegaremos ao primeiro estágio da consciência cósmica. Todos aqueles que seguem este padrão estão no mesmo nível. Cósmico significa ordem e esta ordem é universal. O Sincronário de 13 Luas, de fato recapitula a cosmologia do tempo, porque na nela tudo é radial e fractal.

A cosmologia do tempo pode ser vivenciada em diferentes níveis, e todos eles refletirão a mesma ordem. Então, qual é a ordem da cosmologia do tempo? Ela é estabelecida como os 13 estágios da onda encantada, cujo padrão encontramos no Encantamento do Sonho. A onda encantada sempre recapitula a cosmologia cósmica do tempo. Quando dizemos que existem 13 estágios, referimo-nos às qualidades matemáticas fractais da onda encantada. Uma das principais premissas: Tudo é número, Deus é número, Deus está em tudo. A natureza do universo realmente tem propriedades matemáticas completas. Se tudo é criado com formas e medidas, estas podem ser demonstradas por números. Por que 13? Já vimos que a constante universal do tempo é a freqüência matemática 13:20, que contém o 7 oculto. Quando falamos sobre a cosmologia matemática estamos tratando da proporção: 4 está para 7, assim como 7 está para 13. Por que isto? Se você tem 7, que sabemos ser o número-chave oculto, e olharmos para ele como sete partes do todo, ele tem como número central o 4.

O O O | O | O O O
4

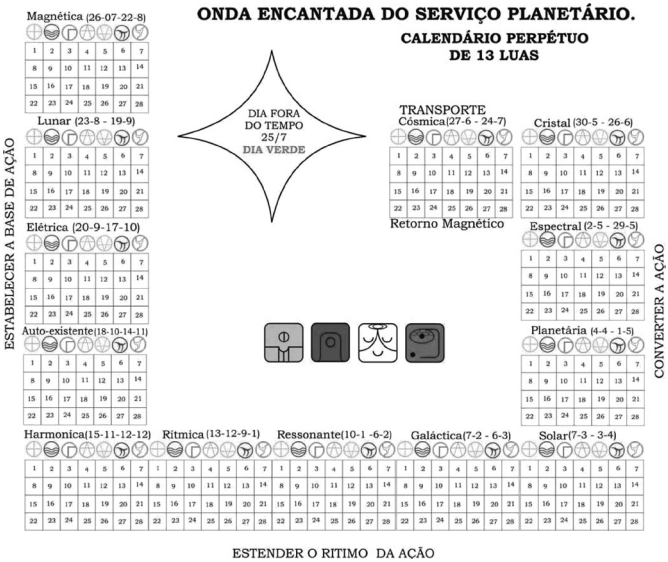
Da mesma forma, quando olhamos para o 13 como treze partes do todo, o 7 está no centro.

O O O O O O | O | O O O O O O
7

Quatro está para sete, assim como sete está para treze. Esta é a base da onda encantada. Esta é a matemática. Alguns dizem: não entendo matemática, sofro um bloqueio mental. Eu não acredito nisto. Este tipo de matemática qualquer um entende. Por isso dizemos que a matemática do tempo é total, holonômica, ou um sistema matemático completo. Olhem: aqui temos outros programas a serem deletados: oh, matemática... Sou incapaz. Realmente não sou um artista, não consigo nem traçar uma linha reta. Bem, sou artista, e mesmo para mim, é difícil traçar uma linha reta. Estas são limitações auto-impostas, e deveríamos nos libertar de todas elas. Neste programa, somos todos matemáticos, artistas, e não existe qualquer barreira entre os dois. Não existe nada mais imponente que a matemática. A base matemática da onda encantada são os três números-chaves: 4, 7, 13. Focando-nos nestes números-chaves, vemos que o quatro é a ordem menor e mais simples. Ele nos dá a idéia das quatro direções, que é uma orientação fundamental. Também referimo-nos a ele como as quatro dimensões, ou a forma de um quadrilátero.

Considerando a onda encantada, observamos que ela tem um pulsar ligando os tons: 1-5-9-13. Estes são os pontos-chaves que a articulam, e, novamente temos uma questão matemática: entre cada um destes pontos de articulação existem 3x3 câmaras. Quando subtraímos 4 de 13 teremos 9, que é 3 x 3.

Devemos entender que a matemática contida nisto é absolutamente simples e imponente, tornando-nos mais perspicazes e artísticos. Queremos ensinar tudo isso para as crianças. Por favor, não as submetam, novamente, àquele velho calendário. Agora que vocês têm todo este conhecimento, não existe razão para isto. Ainda enfatizamos que a onda encantada é coordenada pela geometria móvel. Do portal de entrada (tom 1), ela vai para as câmaras: 1-2-3. Depois vem a torre harmônica (tom 5), seguida pelas câmaras 4-5-6. Depois temos a torre solar (tom 9), seguida pelas câmaras 10-11-12 e, finalizando vem o portal cósmico (tom 13). Ainda temos os pulsares formando três triângulos e conectando os tons: 2-6-10; 3-7-11 e 4-8-12.



Para nosso entendimento, isto realmente conecta a geometria móvel das dimensões, à qual nos referimos como geometria pulsar. Os portais e torres: 1-5-9-13 são as âncoras do tempo de quarta dimensão. Cada uma das outras três dimensões são representadas por um dos três triângulos. É interessante que a quarta dimensão tem quatro âncoras, e que as outras três dimensões são formadas por três pontos cada uma. Assim, a primeira dimensão é formada pelo pulsar 2-6-10; a segunda pelo 3-7-11; a terceira pelo 4-8-12. Observem que a terceira dimensão é formada pelos múltiplos de 4, o que cria toda a forma. Por isso, ela é chamada a forma Auto-Existente - porque é na terceira dimensão que tomamos forma. Muito elementar e sincrônico!

A terceira dimensão da forma é representada pelos tons 4-8-12. A forma é estabelecida no tom 4. No tom 8 é dada a extensão da integridade galáctica a essa forma. No tom 12, a forma atinge toda a sua complexidade. Platão descreveu o mundo como uma figura de 12 lados, o dodecaedro, que representa a evolução máxima da forma. Por isso, na freqüência 12:60, o 12 é

o número-chave e, inconscientemente trapaceia a mente e o corpo no mundo da forma. É motivo do desenvolvimento da expressão complexa da sociedade materialista, porque o 12 é da freqüência 12:60, e 12 x 5 = 60. Assim, isso é materialismo multiplicado por cinco. O mundo é materialista, porque a base inconsciente da mente está completamente imersa na complexidade da forma. No contexto 12:60, parece não haver escapatória. Não existem soluções que não redundem em mais complexidade, mais leis, mais máquinas, mais carros, mais rodovias...

Voltando à onda encantada: qual é o significado do 13? É ele que transmuta a forma. Sem o décimo terceiro tom, sem a décima terceira Lua (sem que a recoloquemos em nossa consciência), manter-nos-íamos absolutamente trapaceados na complexidade da forma. Com o 13 temos a transcendência e ainda a circulação do tempo. Olhem este padrão colorido: vermelho, branco, azul, amarelo, e repetindo a ordem: vermelho, branco, azul, amarelo... Este ano é Mago Ressonante Branco e o próximo, logicamente será azul - Tormenta Galáctica Azul - que não será igual a este. Absolutamente, não será o mesmo. Isto é o que consideramos circulação.

Podemos dizer que o 4 e as 4 cores criam a harmonia do tempo; 4x13 dá um ciclo de 52. Assim, mostramos como é criado o ciclo solar-galáctico de 52 anos. Leva 52 anos para as 4 cores circularem com os 13 tons da criação. Quando vivemos no tempo correto, ao completarmos 52 anos experimentamos profunda realização e libertação para um nível de consciência plena. Mas, só perceberemos isso vivendo na freqüência 13:20. Usando o Sincronário de 13 Luas, tornamo-nos conscientes da forma intrínseca, e vivenciaremos a cosmologia do tempo.

Esta cosmologia é holonômica, consciente e nos integra na geometria dinâmica dos pulsares. Novamente os pulsares: O da quarta dimensão é 1-5-9-13; o da primeira é 2-6-10; o da segunda é 3-7-11; e o pulsar tridimensional é 4-8-12. Quando conectamos as linhas entre estes tons, criamos diferentes geometrias. Ao trabalhar com a Onda Encantada do Serviço Planetário, percebemos que cada ano tem um objetivo específico. Estabelecemos este objetivo na primeira Lua, a Magnética. Ao chegar à quarta

Lua, o objetivo adquiriu forma, por exemplo: sabemos que o objetivo deste ano é a conscientização dos Magos da Terra. Então, ao chegarmos à quarta Lua, dizemos que precisamos de um Seminário para os Magos da Terra. Assim, os Magos da Terra tomarão suas formas. Portanto, dentro de poucas semanas, através da Lua Auto-Existente, iremos, definitivamente nos aperceber da nossa forma.

Depois, entraremos na quinta Lua, chamada Harmônica porque quando temos quatro: 1-2-3-4, o 5 está no centro. (NT: 1-2- 3- 4 faces da pirâmide, unidas pelo ápice, o ponto central). O centro é o mesmo que irmos ao quinto mundo - o mundo da transcendência, pura espiritualidade. Na quinta Lua podemos entender que estamos, de certo modo, chegando ao centro do tempo e que, no centro, nos tornamos um canal coletivo. Canalizaremos o poder harmônico do tempo, e veremos que, assim como o primeiro ponto da onda encantada conecta com o nono, o quinto conecta com o décimo terceiro. A diferença entre 5 e 13 é 8 - o poder da oitava. O que canalizaremos com uma vibração coletiva do DNA 13:20 dos Magos da Terra irá nos preparar para o que precisamos fazer na décima terceira Lua. É muito importante entenderem onde nos encontramos e o que estamos fazendo em relação à geometria pulsar, e que estamos corporificando e encarnando o poder de todas as quatro dimensões. Então, coletivamente estaremos aptos a colocar nossas mentes a serviço daquilo que estará esperando por nós na décima terceira Lua.

A aplicação da Lei do Tempo é o Sincronário de 13 Luas. Quando Einstein fez a fórmula $E = mc^2$, sua aplicação prática foi a bomba atômica. A aplicação da Lei do Tempo, T(E) = Arte - Tempo fatorado pela Energia é Arte é o Sincronário de 13 Luas, que é uma bomba atômica para a mente 12:60; a bomba atômica da paz. Quando falamos sobre este sincronário, falamos sobre uma dispensação, posterior ao ciclo da história.

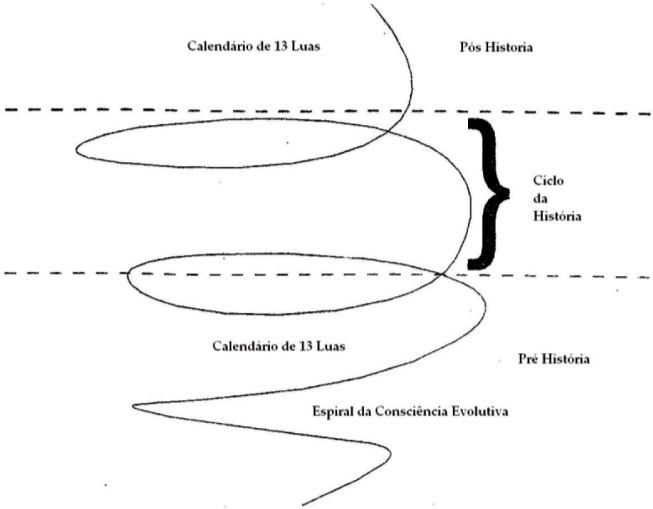
Já mencionamos os calendários Druida e Pachakuti. Basicamente, o Sincronário de 13 Luas-28 dias parece ter prevalecido na pré-história ou com certeza, na época que antecedeu o surgimento da civilização babilônica. Posteriormente, a civilização do Velho Mundo foi dominada por um calendário lunar, e na última fase surgiu um pseudo-calendário solar, o Gregoriano, que

nos leva até o fim da história. Na época em que nos encontramos, prestes a encerrar o ciclo, retornamos ao Sincronário de 13 Luas. Então, parece que toda a história foi um grande desvio, que agora, como uma espiral, nos traz de volta a uma época anterior à era 12:60, quando se usava o Sincronário de 13 Luas.

Relembrando: na pré-história prevaleceu o Sincronário de 13 Luas. Na história surgiu o calendário lunar, a medida do ciclo sinódico da Lua. Agora temos o Gregoriano pseudo-solar, que nos conduz ao final do ciclo da história, quando retornamos ao Sincronário de 13 Luas que nos levar à espiral da pós-história. Tudo isso foi um desvio necessário para nos trazer ao ponto em que nos tornaremos conscientes.

Os instrumentos realmente muito simples e pragmáticos, para nos tornarmos completamente conscientes, são os existentes no Sincronário de 13 Luas. Notamos que a diferença entre, por exemplo, o calendário Druida ou o Pachakuti e o Sincronário da Paz (chamado de Tun-Uc pelos Maias) é que este último baseia-se na sabedoria maia, agora formulada pela Lei do Tempo. Por isso: onde quer que a Lei do Tempo seja aplicada, ela torna consciente o que estava inconsciente. A maioria dos calendários foi desenvolvida num estado de total inconsciência das leis matemáticas do tempo. Isto significa que a matemática do tempo, também está codificada no Sincronário de 13 Luas, como na proporção 4:7::7:13. Devido ao conceito do 12:60 e do 13:20, entendemos que o Sincronário de 13 Luas está no ápice da espiral e tem a função adicional de quebrar, definitivamente, a velha ordem, ou seja: deletar o antigo paradigma e ativar o novo software.

Quebrar a velha ordem refere-se à grande revolução da história ou, literalmente à revolução do tempo, significando: revolver, girar - que o tempo faça nosso planeta girar naturalmente. Portanto, revolução do tempo é realmente o tempo fazendo a revolução. Assim como o tempo produz o giro da Terra em torno do Sol, ele também está gerando a nossa revolução através do Sincronário de 13 Luas, para que consigamos a renovação moral, mental e espiritual.



Não estamos dizendo que devemos ser antagônicos, mas que precisamos atingir um novo nível de discernimento mental. E, atingindo este nível, precisamos fortalecê-lo com a decisão de não voltarmos atrás. Isto é muito importante. É uma revolução mental, moral e espiritual, dirigida pelo tempo. O sucesso de qualquer revolução depende de os líderes saberem a hora certa de agir. É a famosa história de Vladimir Lênin, exilado na Finlândia e preparando a Revolução Bolchevique. Quando obteve permissão, imediatamente, tomou um trem da Finlândia para Moscou, e em dez dias, toda a dinastia Romanoff e a Rússia medieval estavam dominadas. Este é um bom exemplo de cronometragem. Mas não estamos organizando uma revolução violenta, estamos fomentando a revolução da paz, que também requer o momento exato para agir.

O sonho que sonhamos é configurado pelo tempo que seguimos. Se conseguirmos verdadeiramente nos manter no tempo 13:20, sonharemos com a verdadeira harmonia, e é isso que a Terra nos pede, exatamente neste momento. Por estarmos ultrapassando o ciclo da história, encontramo-nos na posição em

que o único caminho evolutivo é ir além do material e do físico, e desenvolver o mental e o espiritual, que não pode ser devidamente trabalhado, sem que mantenhamos a moralidade adequada.

Esta moralidade, que podemos chamar de moralidade do tempo, é a conservação dos valores a que nos referimos como biodiversidade, ou biodiversidade cultural. Significa profundo respeito pela preservação da vida e de todas as espécies, para conviveremos num estado de harmonia compassiva. Isto não é imposto por leis ou pela política. É executado, simplesmente, pela comunidade humana vivendo na ordem correta do tempo.

Os golfinhos não possuem ministérios, parlamentares os pássaros não têm forças armadas. Não existe a necessidade de legislarmos nada; só precisamos aprender como viver no tempo natural. Para alguns, isso é um pensamento utópico, e continuará sempre utopia, enquanto não tenhamos um profundo entendimento dos efeitos biológicos de vivermos no tempo incorreto. Precisamos entender que os problemas advêm de vivermos numa freqüência anômala. Vivendo no tempo natural, com relativa rapidez, todos entrarão num novo nível de evolução mental e espiritual. Em vez de governo, forças armadas, polícia e educação compulsória, trabalharemos somente com a telepatia, que norteará todas essas instituições. Isto porque o Sincronário de 13 Luas é um repositor autêntico da harmonia do tempo.

Ao observarmos a Onda Encantada do Serviço Planetário do Sincronário de 13 Luas, precisamos compreender que através dela estamos medindo um giro orbital do planeta! Sempre devemos nos lembrar de que é isto que um sincronário faz. Holonomicamente, em uma órbita, ou um giro da espiral, está contida a ordem de todo o universo. A Terra gira em torno do Sol, nossa estrela, que está sincronizada com as famílias estelares. O Sol é uma essência energética que está totalmente integrada na ordem galáctica e cósmica, tanto que ao orbitarmos uma vez em torno dele, toda a ordem de energia galáctica e cósmica que esta estrela recebe é transmitida para os planetas. Toda esta energia é coordenada pelo tempo e funciona em diferentes níveis de harmonia, que podemos definir como harmônicas celestiais. Elas são ordens

cósmicas observáveis e compreensíveis, que podemos expressar através da matemática encontrada neste Sincronário. Definimo-las como ordens de simultaneidade. Atualmente, encontramo-nos presos na ordem linear, que não é simultânea. Por isso, ficamos tão surpresos com a sincronicidade. Os Maias nos ensinaram que podemos viver com mais de 17 calendários. É como dizer que nossa mente pode ser treinada para manter qualquer número de ordens simultaneamente. Isto é evolução supraconsciente. Quantas coisas conseguimos manter em mente, simultaneamente?

Então, Magos da Terra são aqueles que se auto-superam para desenvolver a mente e o espírito; assim podem manter níveis crescentes de simultaneidade. Quando comentamos a Lei do Tempo, vimos que o universo é modelado pela Matriz do Tempo 13:20, e toda essa informação desce para um pequeno ponto. Da perspectiva do tempo, o espaço é um ponto ínfimo, que é o nosso próprio corpo no tempo - a totalidade da nossa mente e do nosso corpo.

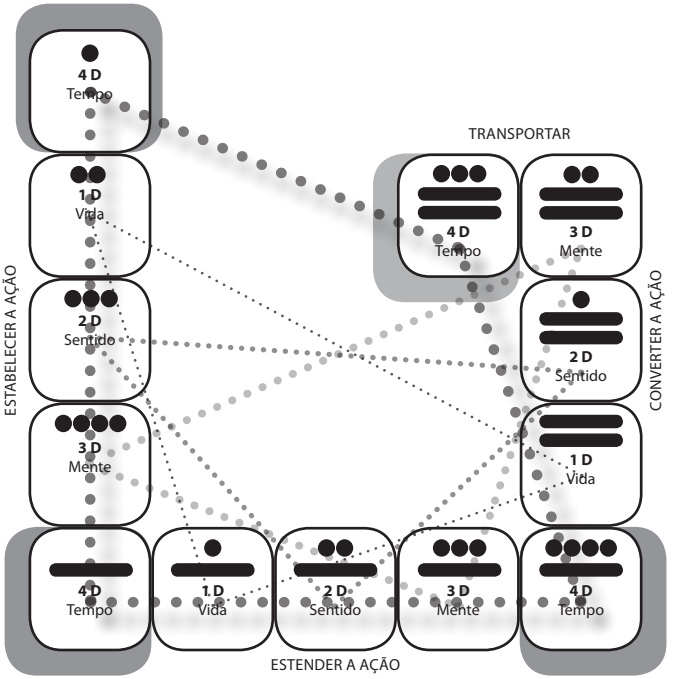
A Geometria Pulsar

A geometria-pulsar em movimento representa a amplificação da nossa consciência. Assimilando toda a relação entre os diferentes pulsares da sua onda encantada, vocês entenderão esta geometria através do movimento do tempo. Anteriormente dissemos que estamos na quarta Lua, significa alcançarmos o poder da forma. Definamos nossa forma tridimensional, por exemplo: este é o pulsar tridimensional formado pelos tons 4-8-12. Portanto, o que estabelecermos nesta Lua será amplificado/integrado na sua forma na oitava Lua, e será completado na décima segunda Lua.

Examinando o Código Pulsar, olhamos essencialmente para a ordem matemática dos 13 números ou 13 tons, na relação que cria a forma da onda encantada. Os tons dentro da onda encantada só têm significado quando relacionados uns com os outros, e assim, criam a cosmologia que recapitula o tempo. Estes

de relação intrínseca têm um significado, poder ou intenção específicos. Vemos que o primeiro tom é o magnético: aquele que atrai; o segundo é lunar, que polariza ou estabiliza. O terceiro é o elétrico, que ativa. Vocês podem pensar nisso em termos da geometria simples: o primeiro é um ponto; o segundo cria a linha que divide e polariza; o terceiro, que ativa, cria o triângulo. Esta é a forma primária que estabelece a conexão entre a terceira e a quarta dimensões.

Ao considerarem e conectarem os três triângulos, vocês criarão um quarto triângulo, o tetraedro, que é a forma mais primitiva projetada da quarta para a terceira dimensão. Estes três triângulos conectados criam o quarto. Depois chegaremos ao quarto estágio, que é a forma auto-existente. Isto estabelece a cosmologia primária do tempo.



Trabalhando com o Sincronário não estamos lidando somente com o 13, mas também com o 28, porque na Onda Encantada do Serviço Planetário, cada uma dessas 13 posições contém 28 unidades; novamente temos a proporção 4:7::7:13 que é muito importante. Ela contém o 4 x 7 = 28. Portanto, com o 28, o 13 (que cria o ciclo) e o 7, vemos que tudo está nesta simples formula: 4 está para 7, assim como 7 está para 13. São todos números-chaves: 4 x 7=28; 28 x 13 cria o ciclo anual. Esta é a proporção-chave.

O ciclo de 28 dias é muito interessante, e o conceito do heptal de 7 dias, realmente, é um poderoso segredo matemático que foi acobertado e confundido. Isto também aconteceu com os nomes dos meses gregorianos. Janeiro era a deidade que abre caminhos; então, decidiram fazer do primeiro dia de janeiro o dia do início do ano. Julho, naturalmente, tem a ver com Júlio César e agosto, com Augusto César. Setembro, o nono mês, significa sete. Vemos como a irracionalidade da vida moderna é construída com base em um programa falho. Precisamos deletá-lo. O mesmo acontece com os dias da semana: O quê significa domingo, terça ou sábado? Sabemos que alguns são nomes de planetas. Em inglês, alguns são nomes de deuses germânicos. Isto cria uma confusão de termos sem coerência ou consistência. Assim como fomos programados, programamos nossos filhos. Isto cria uma sensação de totalidade, e pensamos que em todo o universo existe domingo, segunda, terça.... Asseguro, quando chegarem a Marte, lá não existe nada disso.

Isso demonstra como a humanidade foi enganada com ficções totalmente irracionais e absurdas. E mesmo assim, os seres humanos se recusam a mudar como mencionado no caso do Calendário Maia ser mais científico que o Gregoriano. Mas a inércia por estarmos sendo enganados e iludidos é tão profunda, que as pessoas acham não fazer nenhuma diferença a alteração desses nomes. A verdade é que no padrão de 28 dias, existe um poderoso ciclo cósmico, demonstrado pelos dois primeiros algarismos da proporção: 4: 7. E a razão para observarmos um ciclo de 7 dias não tem nada a ver com segunda, terça, quarta..., ou cinco dias e um fim-de-semana.

Todos estes conceitos de dias úteis e finais de semana são como fragmentos de mobília velha entulhando nossa mente. Estamos acostumados a usá-los para nos sentarmos, mas podem causar danos à nossa coluna. Devemos nos livrar dessa "mobília velha", fazendo uma grande faxina - o que também é um dos significados da palavra revolução. O sentido mais profundo é o do 4 da proporção 4:7, criando o 28, que é um dos ciclos cósmicos chave. O poder do 7 não tem nada a ver com os nomes dos dias do heptal, mas tem a ver com o fato de o 7 ser o poder central dos extremos: magnético e cósmico. Poderíamos dizer que o magnético vem a ser o micro, a pequena pulsação magnética inicial, e o cósmico, o décimo terceiro, seria o macro. O 7 é aquele que une ambos, que é o ponto de ressonância no qual podemos entrar em comunhão com as ordens divinas. Quando aprendermos a vivenciar o heptal do Sincronário de 13 Luas, estaremos realmente participando de uma ressonância maior, que nos colocará em contato com a ordem primordial do universo.

O ciclo biológico feminino é de 28 dias. Ocupando-nos com os astros, verificaremos que este é o ciclo da Lua, e se formos além, observaremos que o equador do Sol também leva 28 dias para girar sobre seu eixo. Em outras palavras, um dia e uma noite do Sol são 28 dias terrestres.

Deram-me a reportagem sobre uma pesquisa com golfinhos na qual constataram que os dentes desses animais contêm a medida do tempo. Por incrível que pareça, eles têm a medida do 28. Em seus dentes existem 13 faixas largas e, cada uma delas é formada por 28 pequenas linhas, portanto, eles mantêm a medida do ano. Isto demonstra como a medida do tempo padroniza toda a natureza. Se seguirmos o Sincronário de 13 Luas, talvez os golfinhos saiam da água dizendo: "Sejam bem-vindos, retornando à sincronicidade!"

Outra particularidade do Sincronário de 13 Luas: ele é perpétuo e constante, como mostra o gráfico do Sincronário Perpétuo do Encantamento do Sonho. Podemos ver os 13 tons para as 13 Luas e também temos o 4:7, representando os 4 heptais de 7 dias, que resultam nos 28 dias de cada Lua. Conhecendo os dias de uma Lua, saberemos os de todas as Luas. O primeiro dia

de cada Lua sempre será o primeiro dia do primeiro heptal. Assim, os dias 1, 8, 15 e 22 sempre serão Dali, bem como os dias 5, 12, 19 e 26 correspondem a Alfa. Isto significa ser constante e perpétuo; absolutamente fractal e holonômico. Alguns dirão: isto fará da vida uma chatice! Pelo contrário, com a sincronicidade podemos canalizar mais e nos comunicar com todo mundo. Este é o ponto!

E, por falar em perpétuo e constante, podemos fazer um bom exercício para achar o nosso aniversário galáctico. Descubram a Lua e o dia. Qualquer que seja o dia, ele sempre cairá no mesmo dia do heptal e da Lua, e nos trará qualidades especiais. Por exemplo: sei que meu aniversário sempre cai no dia 15 da sétima Lua, assim sendo, sei que este dia sempre será Dali, e sempre cairá no primeiro dia do terceiro heptal. Assim, mantém-se uma constância. Pelo Sincronário de 13 Luas, também sei que no dia 15 da sétima Lua, 26 heptais do ano já se passaram, e que este é o primeiro dia dos próximos 26 heptais. Felizmente, meu aniversário é no meio do ano e, exatamente meio ano mais tarde, sempre será o dia fora-do-tempo. Bem bolado! Também não planejei isso!

	DALI	SELI	GAMA	KALI	ALFA	LIMI	SILIO
Primeira Semana	1	2	3	4	5	6	7
Segunda Semana	8	9	10	11	12	13	14
Terceira Semana	15	16	17	18	19	20	21
Quarta Semana	22	23	24	25	26	27	28

Somos todos programados pelo Grande Uno. Apercebendo-nos da coincidência que ocorre nos pequenos fatos do nosso cotidiano, sentimo-nos sincronizados com o Grande Programa. Observamos ainda que no Sincronário Perpétuo de 13 Luas, por exemplo, o Natal sempre será celebrado no décimo terceiro dia da Lua Rítmica e, o dia 13 de cada Lua, sempre será Limi 13. Por ano temos 13 vezes o Limi 13, isto para superar as superstições sobre o número 13. Notem também, que Cristo foi o 13º entre os 12 apóstolos. Portanto, significa que o 13 é um bom número. E, se ainda assim quiserem ter uma ressaca, celebrem o "velho Ano Novo" que sempre cairá no dia Limi 20 da Lua Rítmica. Em vez de feriados de Natal e Ano Novo, poderemos chamá-los de "Feriados 13:20", assim talvez, vocês não ficariam de ressaca.

Portanto, a mensagem é muito clara. Esqueçam o paradigma gregoriano e pensem 13 Luas. Vocês serão mais saudáveis; ficarão mais felizes; vibrarão harmonicamente - esta é uma propaganda gratuita. O ponto conclusivo para encerrarmos a apresentação do Sincronário de 13 Luas é que, absolutamente, não existe outra maneira de retornarmos ao tempo natural. Algumas pessoas dizem: Vivo retirado nas florestas e nunca conheci este Sincronário, então, por que deveria segui-lo? A resposta é: estamos todos programados e fazemos parte da coletividade humana. Como disse o poeta inglês: "Nenhum homem é uma ilha". Sensíveis à mente coletiva, precisamos deletar o velho programa, inserir o novo software e criar um nível harmônico na mente coletiva.

Talvez, em 20 anos, não tenhamos a necessidade nem mesmo de seguir um calendário, mas enquanto nos sentarmos numa cadeira confortável que deforma nossa coluna, necessitaremos de alguma ajuda para endireitá-la, assim, adotemos o Sincronário de 13 Luas. Se o erro da espécie humana foi criar uma civilização baseada no tempo artificial, então precisamos criar um meio de voltarmos ao tempo natural, se quisermos evitar a autodestruição. Por isso dizemos: não existe outra maneira de voltarmos ao tempo natural, senão através do Sincronário de 13 Luas.

Tempo natural é a ordem do universo definida pela Lei do Tempo. Retornar ao tempo natural por meio das 13 Luas é como tomar o medicamento certo indicado para a mente. Nenhum medicamento eleva o todo. Elevar o todo é fazer o que é sagrado. Falarmos sobre o tempo natural é como tratarmos da nossa reintegração à ordem sagrada do universo. O universo nunca deixou de ser sagrado; somos nós que, exercendo nosso livre-arbítrio, criamos essa enorme bolha ilusória sentindo-a tão real, que nos alienamos do sagrado. O que é natural é sagrado.

Voltando à minha declaração inicial: o Sincronário de 13 Luas é o próximo passo evolutivo. Fala-se muito vagamente sobre a mudança ou o salto quântico. Quando se estudam as condições de mudança de qualquer coisa, existe sempre um ponto muito preciso. É como a água entrar em ebulição, quando atinge determinada temperatura. Portanto, para passar de um estágio evolutivo para o próximo, precisamos chegar a um ponto muito preciso através do Sincronário de 13 Luas. Somente assim, daremos o salto quântico evolutivo.

Capítulo 5

O Movimento

Venha fazer parte da Reforma do Calendário!

O Movimento Mundial de Paz e de Mudança para o Sincronário de 13 Luas de 28 dias e a Rede de Arte Planetária - PAN/RAP formam uma aliança global de pessoas voluntárias, autônomas, que trabalham pela Paz, pela Cultura e pela Natureza (Biosfera), sem cunho religioso ou tendência política, mas apresentando como estrutura básica a "Lei do Tempo", já divulgada às instituições de poder do planeta, especialmente à ONU e ao Vaticano.

O Movimento Mundial de Paz esta estruturado como Rede de Arte Planetária a nível mundial, composta por grupos biorregionais que integram toda variedade de profissionais de artes, ciências (físicos, matemáticos, médicos, antropólogos, etc.), espiritualistas, terapeutas e de muitas outras especialidades, unindo forças para fomentar o espírito do novo tempo, através de encontros, conferências, experiências artísticas e projetos baseados na proteção do meio ambiente, bem como o retorno aos ciclos naturais.

A Rede de Arte Planetária está fundamentada em princípios naturais que orientam para uma cooperação maior, com o

objetivo comum dos participantes, para promover "Paz através da Cultura" e "Paz da Cultura da Biosfera".

Organizamos eventos para promover a expansão da consciência humana e da interação harmoniosa de todos com a biosfera. Ensinamos a Ciência do Tempo, através do Sincronário de 13 Luas - o Sincronário da Paz - como forma para melhor entender o caos e a desigualdade decorrentes do nosso estilo de vida moderno.

Nossos objetivos são:

. Reeducar para uma conduta de paz entre as pessoas e de respeito para com o meio ambiente;

. Divulgar o Sincronário natural e ecológico de 13 Luas e o conhecimento da Lei do Tempo: T(E)=Arte;

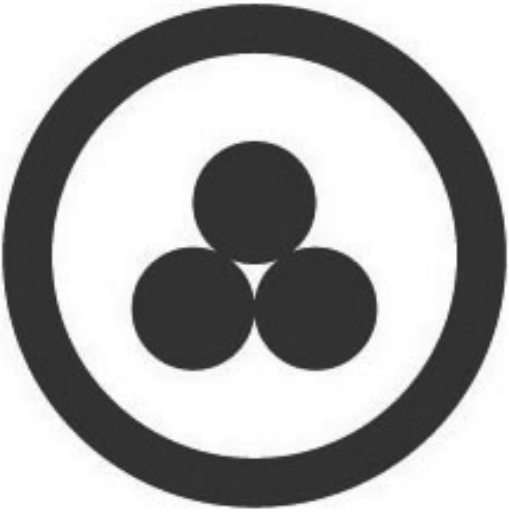
. Promover o resgate da arte de viver no planeta Terra;

. Promover o Dia Mundial da Cultura e da Paz (25 de julho de todos os anos);

. Estabelecer e fortalecer grupos biorregionais de regeneração da biosfera.

Capítulo 6

Pacto Roerich e a Bandeira da Paz



Agora vocês têm um dia especial para comemorar a paz; meditar sobre a paz, incentivá-la e estendê-la aos demais 364 dias de cada ano de sua vida. Que tal experimentar?

Aqui, no Brasil, o dia 25 de julho realmente está se tornando o "Dia Municipal da Cultura e da Paz". Esta realidade fará com que todos os anos nesta data, os brasileiros programem, em

seus municípios, eventos culturais criativos e organizem atividades que visem a paz no decorrer do ano. Com isso, o Movimento Mundial de Paz e de Mudança para o Sincronário de Treze Luas, juntamente com a Prefeitura Municipal e o Poder Legislativo da cidade, estarão reavivando a memória sobre o Pacto Roerich de Paz, firmado no dia 15 de abril de 1935, em Washington, Estados Unidos da América, com a adoção da Bandeira da Paz como símbolo protetor das instituições culturais, educacionais, científicas, e de todos os monumentos históricos mundiais.

Com o mote "Tempo é Arte", os cooperadores voluntários do Movimento Mundial de Paz e de Mudança para o Sincronário de Treze Luas reconhecem o Pacto de Roerich e a Bandeira da Paz como elementos verdadeiros de proteção e incentivo à cultura, por isso apóiam esta iniciativa, trabalhando ardorosamente pela sua efetivação.

A presente bandeira tornou-se mundialmente conhecida através do Pacto pela Paz, de Nicholas K. Roerich, firmado em 15 de abril de 1935, em cerimônia solene na Casa Branca, Washington, presidida por Franklin D. Roosevelt e com a presença dos membros da União Pan-americana, composta por todos os países latino-americanos, entre eles o Brasil. Mais tarde, outros países do mundo aderiram e firmaram este documento histórico. Também, ficou estabelecido que o lema deste pacto seria: "Onde há paz há cultura, onde há cultura há paz".

Os temas: "cultura e paz" estão intimamente ligados. Pela cultura chegamos à paz. A cultura desenvolve o ser humano e promove a paz. Precisamos, hoje e sempre, trabalhar pela cultura e pela paz. Desde tempos imemoráveis os guerreiros levavam bandeiras à guerra, como símbolos de suas greis, de suas crenças e de suas pátrias. Mas a bandeira proposta é a Bandeira da Cultura e da Paz. Ela retrata um dos símbolos mais antigos do mundo. Suas três esferas foram descritas por Roerich como síntese de todas as artes, todas as ciências e todas as religiões, dentro do círculo da cultura.

Nicholas K. Roerich

Nicholas K. Roerich nasceu na cidade de São Petersburgo, na Rússia, em 9 de outubro de 1874, e faleceu em Nova York, nos Estados Unidos, em 1947. Em 1929 teve seu nome indicado para o Prêmio Nobel da Paz. Artista, mundialmente reconhecido, arqueólogo, explorador, filósofo e humanista, cuja grande contribuição ao mundo da cultura e da arte com mais de seis mil escritos e pinturas, compreende um inestimável e único patrimônio da humanidade.

No momento em que existe uma erosão dos valores espirituais em muitas áreas da atividade humana, sua obra serve como reafirmação inspiradora das mais nobres qualidades humanas: Sabedoria, Beleza e Arte. Criou um tratado universal de paz e de proteção aos tesouros do gênio humano que hoje leva o nome de Pacto de Roerich, também conhecido como a Cruz Vermelha da Cultura. Um de seus quadros mais simbólicos, e que não podemos deixar de citar, é o da Madona Oriflama, trazendo a Bandeira da Paz em suas mãos.

Definiu a cultura como o potencial criativo do homem e acreditou que alcançar a paz através da cultura é um propósito a ser realizado pelo esforço e pela vontade humana. Afirmou que a cultura não pertence a um indivíduo, a um grupo, ou a uma nação: é propriedade de toda a humanidade e herança das gerações futuras. É a criação construtiva do comportamento humano. Transcende a todos os obstáculos, partidos políticos, preconceitos e intolerâncias. É a mais alta percepção da beleza e do conhecimento. Sem cultura não existe verdade, unidade e paz. Sem a paz não existe progresso. A cultura é o único instrumento para a paz permanente. Com ela busca-se o caminho da construção pacífica. Os valores culturais são o maior tesouro de um povo. Cultura é o símbolo da criatividade, e só a criatividade pacífica gera o progresso. Cultura é reverência à luz, a expressão do amor da humanidade, a unidade da vida e a beleza. A cultura é a síntese do aprimoramento e da realização dos sentidos; é o reflexo da luz, a força motivadora e o coração criativo. Reunindo todas as

definições de cultura chegaremos à beatitude ativa, ao altar do esclarecimento e à beleza construtiva.

A condenação, o desespero, a aniquilação, a melancolia, a desintegração e todas as características da ignorância não são adequadas à cultura. A grande árvore da cultura é nutrida pelo conhecimento ilimitado, trabalho consciente e criatividade incessante. Pelo estudo, estima e admiração, tornar-nos-emos cooperadores reais com a evolução, e, fora dos raios da suprema luz, não poderemos alcançar o conhecimento verdadeiro e refinado que está baseado na compreensão real e na tolerância. Desta fonte vem o entendimento, e dele brota o supremamente belo, o esclarecedor e aperfeiçoado entusiasmo pela paz. Cultura e paz tornarão o homem verdadeiramente invencível, e, realizando-se espiritualmente, ele será tolerante e amável. Devemos dar acolhida a todos aqueles que, superando dificuldades pessoais, impulsionam seus espíritos para a tarefa da construção da paz e, desta maneira, asseguram um futuro radiante.

No pacto universal pela paz, Roerich propôs que a Bandeira da Paz, também por nós adotada, flamejasse em todos os monumentos históricos, instituições educacionais, artísticas, científicas e religiosas, para indicar proteção especial e respeito em tempos de guerra e de paz. Reconhecia que os tesouros culturais são de valor permanente e um patrimônio da humanidade. Nesta bandeira, de fundo branco e símbolo vermelho púrpura, Roerich descreveu o círculo como uma representação da totalidade da cultura, com três esferas no centro, tipificando a arte, a ciência e a religião, três atividades sócio-culturais bem abrangentes. Ele também descreveu o círculo como representando a eternidade do tempo - o presente o passado e o futuro. Este símbolo da tríade possui caráter universal, e pode ser encontrado em muitos lugares, com diversas interpretações. É o mais antigo dos símbolos indianos, Chintamani, o sinal da felicidade e também está no Templo do Céu, de Pequim. Aparece nos três tesouros do Tibete, no peito do Cristo Memling - uma pintura muito conhecida - na Madona de Strasbourg, no escudo das Cruzadas e no brasão dos Templários. É o símbolo de inúmeras filosofias, pode ser encontrado nas imagens de Gessar Khan e Rdje Djapo, no Tanga de Tirmulani e no brasão de alguns papas. Encontra-se ainda nos

trabalhos de Ticiano e de antigos pintores espanhóis, nos velhos ícones de São Nicolau, em Bari. Aparece no brasão da cidade de Samarcanda, em antiguidades etíopes e coptas, nas rochas da Mongólia, em anéis tibetanos, em todos os países himalaios e nas cerâmicas da era neolítica. Também consta em várias bandeiras de países orientais.

Nada poderia, então, ser mais apropriado para figurar na bandeira ora proposta, do que este símbolo, pois ele não é um mero ornamento, mas uma insígnia carregada de profundo significado. Existe há tempos imemoráveis e pode ser encontrado no mundo todo. Ninguém pode, portanto, alegar que ele pertença a qualquer seita, credo, partido político ou nação. Representa todas as tradições espirituais e a evolução da consciência em todas as suas fazes.

Hoje, onde quer que a Bandeira da Paz, proposta por Roerich, seja hasteada, reconhece-se o grande poder deste símbolo no passado, no presente e, com certeza, também no futuro. Estimula o indivíduo a esforçar-se para expandir seu potencial, embelezando todos os aspectos da vida. Encoraja as pessoas a assumirem responsabilidade pela evolução do planeta, o que significa ser o condutor da paz, da transformação do indivíduo e da sociedade. Representa a cooperação - pedra angular da cultura planetária emergente - em todos os aspectos da atividade humana. Quando a questão é a defesa dos tesouros artísticos e culturais do mundo, nenhum outro símbolo poderia ser mais apropriado que este. E por ser universal, antiqüíssimo e carregado de simbolismo, deve encontrar morada em nosso coração. Na realidade, ele representa o próprio ser humano na sua totalidade. As esferas lembram o corpo físico, a mente, o espírito, e o círculo o livre-arbítrio, que é nossa consciência volitiva.

A ideia de defender a paz, a mais bela manifestação da cultura e das criações do ser humano, é nobre e essencial. Exige esforço de cada um de nós hoje, amanhã e sempre. Devemos praticar ações que possibilitem a sua realização, conscientizando-nos da importância da cultura e da paz, que são expressões sinônimas. Daí a instituição do dia 25 de julho como o dia Mundial da Cultura e da Paz, e a adoção da Bandeira da Paz, como

símbolo máximo dessa idéia. Foi escolhido este dia, por ele não ser nenhuma data política ou religiosa. É ideal, pois nele também se comemora o dia universal da tolerância, do amor e do perdão, tríade sobre a qual se sustentam todos os projetos de cultura e de paz.

Madonna Oriflamma. 1932 Nicholas Roerich

Manifesto pela Noosfera

A Terra e eu somos uma só mente.

Durante mais de 5 mil de minhas órbitas ao redor do Sol, os humanos estão alterando a minha paisagem. Algumas delas maravilhosas, como as terras de cultivo de arroz na distante Ásia Oriental, ou de plantio de milho nos Andes da América do Sul. Canais de irrigação, diques para desviar água, pirâmides e templos, grandes muralhas sinuosas. Depois, as cidades com conexões através da malha de estradas. Ao longo da costa, grandes portos marítimos e navios à vela navegando em busca da conquista de novas terras, novas mercadorias para comercializar. Aqui e ali, sempre grandes exércitos em guerra devastando-me. Estes eram os mais inteligentes, os gananciosos por riquezas e poder.

Os inteligentes traçaram mapas e fizeram globos terrestres para imitar-me. Elegeram criar seu próprio tempo e deixaram de viver de acordo com os grandes ciclos que regem a ordem universal. Por dinheiro, dividiram seu tempo e me dividiram. Já não se consideravam parte de mim. Então, Eu - a Terra - tornei-me sua escrava. Criaram toda gama de máquinas e para elas necessitaram extrair tudo das minhas entranhas. Destruíram meus bosques, desgastaram minhas montanhas, escavaram, profundamente, terra e mar atrás do combustível que faz funcio-

nar as máquinas.

E vi que entre os inteligentes havia videntes e sonhadores, profetas e mensageiros, poetas e artistas que vislumbraram outro mundo, e advertiram aqueles ambiciosos para dominarem sua ambição e luxúria em benefício de suas almas.

E vi aqueles que optaram por não construir e edificar, aqueles que decidiram não alterar minha paisagem, aqueles que se contentaram com pequenas moradias de couro e pele, barro e adobe, os que desenharam na areia e pintaram as rochas e paredes das cavernas, aqueles que seguiram os animais selvagens em suas trilhas e caminhos silvestres, aqueles que oravam para a lua, as estrelas e o sol, aqueles que cantaram o sonho da noite cósmica. Entre eles também estavam os videntes, a gente da medicina, os sábios, e eles falaram por mim:

Eu sou um com a Terra. A Terra e eu somos uma só mente.

Vocês não estão separados de mim, ainda que pensem estar. Somos um. Sua mente e a minha são uma só mente. E esta mente única chama-se noosfera - a mente da Terra que envolve todo o meu corpo como um manto invisível, penetrando cada ser vivo e dotando-o de um raio do espectro da consciência de vida que se estende do centro da galáxia, ao nosso sol, a mim e a todos os que habitam minha superfície. Não somos senão um só organismo planetário. Todo tipo de vida é uma só, assim como eu sou um todo indivisível.

Para aqueles com olhos para ver, ouvidos para ouvir e corações para sentir, chegou o momento de escutarem meu manifesto pela Noosfera. Escutem novamente e repitam comigo:

Eu sou um com a Terra. A Terra e eu somos uma só mente.

Olhem nossos mares cobertos de lixo e petróleo ardendo em chamas. Olhem nossos semelhantes sem lar, que fogem em busca de refúgio. Olhem as nossas crianças empilhadas nas

sarjetas mendigando em busca de alimento. Olhem os comerciantes, donos das máquinas e dos bancos, escondendo-se atrás das portas blindadas e dos guardas de segurança. Olhem os anciões sentados à margem do que, um dia, foi um bosque e choram pela perda de uma antiga realidade.

Eu sou a Terra! Eu sou a mente de todos vocês! Agora falo através de vocês. Escutem: em algum momento de meu tempo, tudo mudará. Levantar-me-ei da terra do sonho e transformarei a vestimenta da consciência envolta em torno da perfeição de minha forma giratória. O tempo do dinheiro e da máquina terminará. Um novo tempo começará e vocês reconhecerão o que haviam esquecido. A partir deste momento estabelecer-se-ão os novos códigos do ser e da realidade, os códigos da Noosfera. Não haverá mais nações nem dinheiro, nem verdades escondidas, pobreza, drogas, armas, bombas, senão um novo mundo de telepatia universal. Todos se entenderão como unidade, e só existirá um tempo para a Terra, uma simultaneidade de dia e noite, uma sincronicidade contínua.

Sua mente começará a transformar tudo o que foi posto a perder em uma obra de arte viva. A Terra inteira será convertida em uma obra-prima, rodeada por um arco-íris de pólo a pólo - uma única forma-pensamento tornada visível. Cidadãos da Terra, sentiremos a presença galáctica - a noosfera - nossa central telepática. Um traçado do destino escrito em um plano divino, seguindo uma medida comum do tempo universal que nos unifica em uma só mente. Aceitaremos os visitantes de outros mundos; receberemos todo conhecimento dos Anciãos das Estrelas que esperam pelo nosso amadurecimento na Noosfera, convertendo-nos em uma nova hierarquia da civilização cósmica.

Nada nos impedirá de seguir o caminho infinito - durante três milênios criaremos a forma de vida da Terra como uma obra de arte. Só assim ampliaremos a noosfera no panorama da mente cósmica, irradiando do centro de nosso cérebro - o novo órgão - que considera o inteiro universal como um círculo girando incessantemente, mas que jamais abandona a Terra, nosso lar cósmico.

Este é nosso manifesto pela Noosfera: E sou um com a Terra. A Terra e eu somos uma só mente.

Valum Votan, José Argüelles.

Leia e Repasse

A campanha "Leia e Repasse" tem como objetivo ampliar a divulgação da Reforma do Calendário. Contribua com a difusão dessa informação permitindo que este pequeno livro circule entre amigos e pessoas interressadas. Repassar este conhecimento é prestar um grande serviço planetário.

Na página seguinte está um espaço para que você assine seu nome. Leia, assine e repasse.

Se você tiver interesse em apoiar esta campanha entre em contato conosco pelo e-mail: *sincronario@sincronariodapaz.org* ou pelo Fone/Fax: (54)3286 4324.

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____
8. _____
9. _____
10. _____
11. _____
12. _____
13. _____
14. _____
15. _____
16. _____
17. _____
18. _____
19. _____
20. _____
21. _____
22. _____
23. _____
24. _____
25. _____
26. _____

27. _____

28. _____

29. _____

30. _____

31. _____

32. _____

33. _____

34. _____

35. _____

36. _____

37. _____

38. _____

39. _____

40. _____

41. _____

42. _____

43. _____

44. _____

45. _____

46. _____

47. _____

48. _____

49. _____

50. _____

51. _____

52. _____